

Eliana Chagas
José Marcelo Domingos de Oliveira



UNIDAS!

20 anos de luta pela cidadania – percepções e itinerário de uma batalha



EDISE



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Francisco de Assis Dantas

Diretor Administrativo-financeiro

Jecson Leo de Souza Araujo

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

Eliana Chagas
José Marcelo Domingos de Oliveira

UNIDAS!

20 anos de luta pela cidadania – percepções e itinerário de uma batalha



EDISE

Aracaju
2022

Capa

Rodrigo Carvalho

Diagramação

Rodrigo Carvalho

Revisão

Yuri Gagarin

Pré-Impressão

Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chagas, Eliana

Unidas! [livro eletrônico] : 20 anos de luta pela cidadania : percepções e itinerário de uma batalha / Eliana Chagas, José marcelo Domingos de Oliveira. -- 1. ed. -- Aracaju, SE : Segrase, 2022. PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86004-85-4

1. Cidadania 2. Diversidade sexual 3. Gênero e sexualidade 4. Identidade de gênero 5. LGBTQIAP+ - Siglas 6. Movimentos sociais 7. Pessoas transgênero - Identidade 8. Transexualidade - Aspectos sociais I. Oliveira, José marcelo Domingos de. II. Título.

22-121740

CDD-305.9066

Índices para catálogo sistemático:

1. Transexualidade : Sociologia 305.9066

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.se.gov.br

À memória de todas as meninas da Unidas, as lágrimas e gritos surdos, a seus sonhos desperdiçados na longa noite das lutas pela sobrevivência, nas pequenas alegrias, na amargura das batalhas perdidas, em cada recomeço, e agora, 20 anos depois, a Todas com o mesmo carinho e afeto.

Nota

A dádiva da vida é encontrar beleza em cada ser humano, mesmo em situações extremas, na dor, na doença, no cárcere, enfim nas alegrias ou dramas. Logo, falar sobre travestis não é uma tarefa fácil, especialmente quando se leu obras memoráveis, a exemplo de *Travesti, a invenção do Feminino* e *Certas Cariocas*, ambas de Hélio R. S. Silva, e *Transciad@: gênero, sexualidade e direitos humanos*, escrita por Berenice Bento, mas nada supera o convívio, a realidade dura de suas existências, em uma sociedade machista e heterossexista.

E, em meio a esse emaranhado de lembranças recorro a frase: “o sangue puxa”, pronunciada pela travesti Luma Kalil, tia da diretora Camele Queiroz, ao justificar sua aceitação na gravação do documentário *Quarto Camarim* (2017). Embora eu saiba o quanto a família é importante para a identidade e o pertencimento, na relação com as travestis e em vários outros sentidos, há um hiato entre a amargura de uma identidade forjada na dor, na angústia, no abandono, nas relações abusivas, pois, ao longo de mais de duas décadas de convívio com as travestis passei a ver a sociedade e a existência de outra forma, enfim, como diz o dito popular “as aparências enganam”.

Cenas fortes deixaram em mim marcas profundas, sentimentos não ditos, lágrimas escorridas e tantos afagos, apertos de mão, idas a hospitais nas madrugadas, fins de semana e feriados, enquanto os familiares e amigos se afastavam com medo da Aids, do histórico de violência, das passagens pela polícia, cárcere e pelo simples fato de ali estar uma pessoa ligada a prostituição e a transgressão do corpo.

No silêncio de olhares lânguidos, aprendi o valor de uma palavra, de um abraço; olhares como parte de uma sensibilidade construída junto, apesar de saber o quanto aqueles corpos carre-

gavam um peso descomunal do desafeto, especialmente advindo de parentes homofóbicos do interior de suas famílias, ampliado e refletido nas marcas físicas e internas nos ambientes sociais, de um cotidiano marcado pelo medo.

A intensidade da dor pode ser medida pelo agravamento de uma enfermidade. Talvez aqui esteja uma aproximação básica ao tema, mas a dor existencial não tem escala. É das piores, pois acomete a consciência e instiga sensações de desconforto permanente. E para muitas travestis o acalanto deveria vir da família, justamente a primeira a relegar a rua. Assim, em muitos momentos presenciei situações de exploração, o qual o afeto, meio enviado, surgia depois do repasse de parte do dinheiro adquirido nas esquinas da vida, a muito custo e sofrimento. O ato de entregar o dinheiro apontava para o preço da relação afetiva.

Os quartos de vila, a cafetinagem, a bombadeira, o marido — são personagens indelévels desse cenário, marcado pelo “truque”, pela maquiagem, pelo sorriso largo, pelo deboche. Mas por trás do glamour existe uma vida, nem sempre fácil de desvendar, imersa em compromissos, em dívidas, em sonhos, construídos a muito custo, com economias feitas diante de muito sofrimento.

Os vinte anos de trabalho e convivência com as travestis legou-me um repertório imenso de histórias e sentimentos. E guardar para mim não parece ser a melhor atitude. Contar um pouco é deixar para a posteridade o suor, as lágrimas e as batalhas de tantas cidadãs heroicas, pois ousaram romper o preconceito e abriram as primeiras trilhas para a cidadania das travestis e transexuais em Sergipe, em um momento de muito ódio e reprovação a esse segmento social. Assim, nutrida pela coragem e pelo reconhecimento de tantas vidas, alimentei-me de um desejo perene de contar as histórias afetivas. As histórias não contadas, não ditas, escondidas, esquecidas, num processo de montagem de uma colcha de retalhos, embebida em memórias, fotografias e conversas com as travestis, aqui irão ajudar a tecer o enredo. Lo-

go, não se deve estranhar o fato de em alguns momentos aparecer relatos sobre a prostituição, casos de violência, uso de silicone líquido, a chegada do crack, os cafetões, a Delegacia da Mulher, entre outros aspectos.

O desejo maior é resgatar a humanidade e a cidadania existentes nas travestis. Uma dimensão leve, encantadora e de grande vibração para aqueles e aquelas de seu convívio. Por isso, espera-se demonstrar o quanto essas pessoas podem amar, o quanto sentem falta do amor da família, ou seja, poucos sabem disso, mas o “sangue puxa”.

Eliana Chagas Silva

Aracaju, 14 de julho de 2021.

Prefácio

Ao receber o convite para escrever este prefácio me senti extremamente honrado. Não só pelo conteúdo da obra, que traz itinerários de ações de prevenção, proteção e assistência, que reflete sobre saúde mental, violências, violações de direitos, infecções sexualmente transmissíveis, condições crônicas e o impacto do preconceito no cotidiano das pessoas trans e nas suas relações com a sociedade; mas também pelo fato dessa instituição ter reunido profissionais de saúde e do campo do Direito, agregando pessoas lésbicas, gays, bissexuais e principalmente travestis e transexuais do estado de Sergipe no período de 1999 até os dias atuais.

Esta, portanto, é uma obra que possibilita entender como as pessoas travestis e transexuais em Sergipe existem e resistem nas últimas décadas, e o impacto dos estereótipos e da discriminação por identidade de gênero na qualidade de vida dessas pessoas. Essa é a importância fundamental deste primoroso livro, que oferece uma grande contribuição à sociedade ao permitir a reflexão sobre as experiências de uma associação de travestis e transexuais como organização não governamental na luta em defesa da cidadania. A obra é acima de tudo um compromisso ético, pois teve inclusive o cuidado de proteger a identidade das personagens.

O livro *Unidas: 20 anos na luta pela cidadania* é resultado de uma parceria entre a assistente social Eliana Chagas, idealizadora da associação e da publicação, e do professor doutor pesquisador José Marcelo Domingos de Oliveira, apoiador da instituição há muitos anos, que tiveram o cuidado de guardar e registrar as memórias dessa trajetória coletiva repleta de trajetórias individuais e coletivas que se entrecruzaram ao longo desses 21 anos. A obra traz relatos e reflexões de experiências que passam pelo trabalho diário aliado à militância e muita dedicação em várias cidades do estado sergipano, uma região marcada por inúmeras barreiras socioculturais, mais especificamente na capital, Aracaju.

Toda a caminhada descrita nesta publicação tem muito a contribuir com o pensar sobre a vivência trans, mostrando como é constituída por diferentes recortes e demandas específicas, o que reafirma as múltiplas influências culturais e sociais dessa população. Os relatos revelam vasta pluralidade de comportamentos e relações com o mundo, pautando a necessidade de enfrentarmos a transfobia e pensarmos ações institucionais que proponham novos olhares sobre a travestilidade e a transexualidade. Com isso poderemos provocar novos paradigmas que sejam antitransfóbicos e promovam o respeito e a valorização das diferentes identidades de gênero na sociedade. Penso que esta obra possui grande relevância para a produção do conhecimento e reafirmação do papel do lugar das organizações não-governamentais e do voluntariado na construção de caminhos e oportunidades a serviço da população trans.

Ao ingressar na obra o leitor se encantará com o texto, pois ele trata de forma inspiradora questões difíceis e atuais, relacionadas a preconceito e violências estruturais, traz uma narrativa que permite ao longo dos capítulos nos vermos vivenciando os momentos aqui registrados.

Este livro nos sugere uma profunda reflexão sobre a ausência de políticas públicas e o papel do Estado na vida das pessoas transsexuais e travestis e traz a produção de narrativas e subjetividades que colaboram com a transformação de um imaginário social que ainda é bastante preconceituoso, estigmatizante, incidindo, portanto, em relações desiguais na nossa sociedade.

O texto propõe uma problematização do modelo de sociedade que exclui e desumaniza, refletindo sobre a capacidade das instituições em relação à necessidade de atenção. As particularidades socioeconômicas e culturais de Aracaju, de Sergipe e do Brasil são abordadas, bem como as especificidades da região Nordeste. A perspectiva dos relatos demonstra como a sociedade é pensada, ao longo dos anos, a partir de seus aspectos culturais pelas insti-

tuições em questão. Nem poderia ser diferente, considerando que a associação foi criada no final dos anos 1990, período de muita instabilidade econômica e de crescimento da epidemia do HIV e Aids, contexto bastante delicado, que levou a uma situação em que as relações das travestis e transexuais com os serviços de saúde só fossem permitidas no período noturno, pois a maioria dessa população vivia em reclusão.

Os primeiros contatos possibilitaram à equipe voluntária várias percepções sobre o cotidiano delas, suas relações afetivas, a marginalização social e institucional praticada, principalmente pela polícia, e o quanto os medos dos riscos desapareciam em meio a sentimentos de liberdade na rua.

O mais interessante nessa publicação são as memórias a respeito de cada uma das meninas, suas dificuldades de acesso a serviços básicos, as carências afetivas, e como tudo isso foi moldando a associação Unidas, desafiando a equipe de profissionais de saúde a pensar pontes para a cidadania.

Existiam muitos desafios e dilemas, mas havia uma grande preocupação com a saúde, a necessidade de prevenção, incluindo na concepção de saúde o direito à feminilização dos corpos, demanda que gerou ações de prevenção a possíveis consequências preocupantes de hormonioterapias conduzidas de forma equivocada e usos indevidos de silicone.

Não foram tempos fáceis. Em muitos momentos, com certeza se sentiram inseguras, sem perspectivas de continuidade ou sustentabilidade das ações da própria instituição. Desenvolveram ideias, projetos, dos quais destaco o Balcão de Direitos, que tive a felicidade de acompanhar de perto, atestando o sucesso da intersetorialidade contribuindo com a efetividade e o compromisso das ações. Assisti também à consolidação de uma rede de solidariedade para não deixar essa importante instituição fechar as portas, mas tenho gravado na mente e no coração a felicidade delas, todos os anos, em ter a presença afetiva e efetiva de “Mãe Eliana”

em seus caminhos. Lembro ainda de tantos momentos de celebração, como os seminários que fortaleciam as relações do movimento com a universidade, os serviços de saúde e equipamentos de segurança pública e assistência, ou as confraternizações de final de ano. Percebia-se o quanto se sentiam humanizadas em ter ambientes onde estavam cercadas de alegria e afeto, onde podiam exercer livremente suas identidades de gêneros e demonstrar toda a diversidade de arranjos familiares.

Por tudo isso, no atual momento do Brasil e do mundo, de escalada de discursos de ódio e posturas conservadoras, convido a vocês para mergulhar numa obra necessária, que seja uma leitura prazerosa e que acenda entre leitores e leitoras o desejo de alcançar a realidade com olhares antitransfóbicos.

Meu carinhoso abraço, reconhecimento, mas acima de tudo agradecimento a Eliana Chagas Silva e José Marcelo Domingos de Oliveira por esse presente, que registra um tempo, um fazer, um agir e nos entrega ideias, afetos e desafios sobre nossas humanidades.

Brasília, março de 2022

Andrey Roosevelt Chagas Lemos

Sumário

Nota.....	07
Prefácio	10
Introdução	17
PARTE I - O CENÁRIO	20
Aracaju no fim da década de 1990: As travestis e o encontro com os serviços de saúde	21
A rua e as noites das travestis em Aracaju dos anos 1990	30
A reclusão das travestis em Aracaju dos anos 1990.....	32
PARTE II - AS TRAVESTIS.....	34
As travestis e seus dramas.....	35
A rua	36
A Polícia.....	35
Os riscos.....	36
As dificuldades de acesso aos serviços de saúde.....	38
As meninas da Unidas e suas histórias.....	40
PARTE III - AS UNIDAS	70
A gênese da Unidas.....	71
As “batalhas” da Unidas: a difícil construção de pontes para a cidadania	72
Unidas: afirmação e cidadania	77
PARTE IV - OS DILEMAS	80
O silicone e a feitura do corpo.....	81
Europa: sonhos e desalentos	84
Delegacias, Fóruns, Presídios: caminhos difíceis	86

PARTE V - OS PROJETOS DE INTERVENÇÃO, CIDADANIA E AÇÕES DE ASSISTÊNCIA	88
Uma síntese das ações.....	89
A Casa Janaína Dutra	93
O Balcão de Direitos	95
 PARTE VI - COMUNICAÇÃO	 100
Logomarca	101
O Salto.....	101
 PARTE VII - UMA REDE DE SOLIDARIEDADE	 104
Amig@s da Unidas	105
 PARTE VIII - O COTIDIANO	 120
Dos encontros dominicais, as festas de Fim de Ano	121
O Truque	123
 PARTE IX - SUSTENTABILIDADE	 126
Feirinha de Artesanato da Praça Tobias Barreto.....	127
Um close final	130
Referências	132

Introdução

É chegado o momento de entregar retalhos de tantas memórias, correrias e agonias em prol das travestis e transexuais de Sergipe. Um instante de pausa para reconstruir a gênese e o percurso de uma instituição que nasceu com o firme propósito de contribuir para a cidadania, a Associação de Travestis Unidas na Luta pela Cidadania (Unidas).

Unidas é um nome, uma sigla, um lema, uma visão e, ao mesmo tempo, espaço de construção de projetos de vida, tecidos juntos, de tal modo que o intuito aqui é também recordar, dizer o quanto valeu o esforço, e reavivar tantos sorrisos que partiram, mas ficaram marcados em nossa alma.

Em 1999, Aracaju era muito diferente da realidade vivenciada nestes tempos de pandemia do Sars-Cov-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), quando a população em geral tem sido obrigada a vivenciar o isolamento social e as travestis mais uma vez, especialmente aquelas em situação de prostituição, são atingidas pela ausência dos clientes.

Na gênese da Unidas, vivenciava-se um tempo de expurgo às travestis. Pessoas expostas ao escárnio da luz, marcadas pelas agressões cotidianas, obrigadas a viverem durante o dia isoladas em quartos de vilas, num ambiente de exposição às mais duras e degradantes condições de existência, em meio à exiguidade das condições mais básicas de sobrevivência.

Resgatar o itinerário da Unidas é uma forma de valorizar a vida, as pessoas que contribuíram para a Instituição ter chegado aos 20 anos de existência. É uma forma de agradecer a cada gesto, mãos estendidas, argumento construído para defendê-las e doar um pouco de humanidade em meio a um deserto de desolação e ódio.

Assim, esperamos que cada leitor encontre a razão da existência da Unidas, suas batalhas, suas vitórias, suas dores, mas

apontem também caminhos a seguirmos, especialmente neste momento em que o Brasil e o Mundo passam pelo desafio de resistir a projetos conservadores de poder e de negação da cidadania por razões de gênero, em especial a população LGBTQIA+, na chamada necropolítica¹.

Devemos relembra o quanto se poderia ter aprofundado em alguns temas, mas a simples menção às condições de vida das travestis em Aracaju ao longo de duas décadas, através da luta por cidadania travada pela Unidas, a lembrança vaga ou sintética, talvez, nos ajude a compor um mosaico das batalhas e conquistas.

A ausência de aprofundamento é, antes de tudo, intencional. O intuito não foi e não seria produzir uma peça acadêmica, com observação aos ditames científicos, apesar do cuidado em manter o anonimato das travestis aqui elencadas, ou ainda na tentativa de organizar o texto num formato mais acolhedor para quem ler, ao permitir compreender o cenário, as travestis, a Unidas, os dilemas, os projetos, a comunicação, a rede de solidariedade, o cotidiano e a sustentabilidade, enfim, talvez estejamos exercitando o lugar de fala².

Em suma, não é impertinente reconhecer o fato de a pacata Aracaju ter cedido lugar a uma cidade de porte médio, com seus problemas contemporâneos, desde o crack, pessoas em situação de rua, entre outras dificuldades sociais, por isto, o trabalho da Unidas continua sendo importante para a instrumentalização de muitos projetos de vida, como ficou patente no momento de enfrentamento da fome em 2020, durante os dias de isolamento social devido ao Covid-19.

1 Ver Achille Mbembe (2018).

2 O lugar de fala em um sentido construído por Djamila Ribeiro (2017).

A decorative background featuring a central purple swirl surrounded by six other swirls in yellow, orange, light orange, green, blue, and light blue, all arranged in a circular pattern.

PARTE I

O CENÁRIO

Aracaju no fim da década de 1990: As travestis e o encontro com os serviços de saúde

O movimento nacional de travestis e transgêneros surgiu no fim da década de 1970 e adquiriu força na cidade do Rio de Janeiro, através da Associação de Travestis e Liberados (Astral), fundada por Jovanna Baby³, em 1992.

Em Aracaju, o embrião da luta por cidadania LGBT foi o Grupo Dialogay de Sergipe Comitê de Solidariedade (GDS), fundado por Wellington Gomes Andrade, que reunia esse segmento em um espaço acadêmico cedido pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Sergipe (DCE/UFS), inicialmente na rua Lagarto e depois no imóvel localizado na praça Camerino.

Na década de 1990, o fato mais marcante da relação entre o Dialogay e as travestis é o sentimento de rejeição, assim, poucas se aventuravam nas reuniões das quartas-feiras, e as que apareciam limitavam-se a ir receber preservativos, embora tivessem muitos amigos junto a instituição, nem sempre alguns membros compreendiam o “mundo” delas e outros não aceitavam o fato de que algumas sobrevivessem da prostituição. O cenário adquiriria novos contornos na gestão “A Borboleta” (2000-2003), quando o professor José Marcelo Domingos de Oliveira e Andrey Roosewelt Chagas Lemos estiveram à frente da diretoria do referido grupo e o diálogo foi mais bem construído em torno das travestis e transexuais via Eliana Chagas Silva, e em muitos eventos e momentos as instituições estiveram juntas, a exemplo do Forró Caju, Pré-Caju, em debates, seminários e congressos.

Em 1999, a Unidas foi fundada oficialmente, quando Eliana Chagas alugou uma casa no bairro Siqueira Campos, e a esse

3 O Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (FONATRANS) traz um histórico do Movimento de Travestis no Brasil, constituindo assim uma perspectiva a partir da militância (FONATRANS, 2020).

respeito diz que: “é claro que eu fui sozinha alugar o imóvel e não disse claramente que público iria frequentar, disse que era uma ONG para ajudar as pessoas” (CHAGAS, 2019).

Com a sede da Unidas, criou-se ali um espaço de convivência, um ponto de encontro das tardes, com direito a café, sucos e bolos. A sede foi um espaço de grande importância para a socialização das travestis. Agora elas se deslocavam de suas casas para a ONG durante as tardes, era um avanço. Trocavam experiências, falavam das agressões sofridas na noite anterior ou contavam as aventuras que a vida noturna proporcionava. As reuniões eram focadas nos cuidados com a saúde e prevenção das IST/aids, redução de danos para o uso do silicone industrial. Era interessante descobrir que o mundo das pessoas travestis era igual às que viviam no nordeste do país ou em qualquer outra região. Elas têm uma linguagem própria, crenças e comportamentos para se defender muito parecidos e as histórias de vida semelhantes, motivos que levaram a sair de casa e buscar a sobrevivência na prostituição.

Em diversas reuniões era debatido a falta de mercado de trabalho para as pessoas travestis, a ausência de qualificação profissional e a falta de oportunidade de estudar. Mas uma fala de uma delas que teve oportunidade de chegar ao nível médio e tinha uma profissão e trabalho formal naquele momento me fez parar para refletir: “A prostituição só se torna uma coisa ruim quando dependemos dela diretamente para pagar um aluguel, comer etc”. E aí ela enumerou vários atrativos, tais como: ser valorizada e receber o reconhecimento por ser uma mulher, conhecer histórias de vida dos clientes emprestando seu ouvido e, muitas vezes, nem o ato sexual acontecendo, eram pagas apenas para ouvir. Algumas até brincavam se sentindo “psicólogas”.

Percebo que a rejeição familiar, falta de apoio e juntamente com o desejo de se “transformar”, se “assumir” travesti,

eram as justificativas para buscar a ajuda de outras travestis experientes que sobreviviam da prostituição. E apesar de demonstrar ressentimentos pela rejeição dos familiares existia também uma compreensão, pois com a formação cristã a sua “opção” de vida não era “coisa de deus”. Acredito neste sentimento de compreensão principalmente em relação à figura materna. Todas as trans daquela época desejavam viajar para a Europa em busca de uma condição financeira melhor e poder dar a tão sonhada casa própria a sua mãe.

Nessa época a maioria tinha o RG como único documento e muitas já tinham perdido e não resgataram a segunda via. O CPF exigia ter título de eleitor e que por sua vez necessitava ter a reservista e isso era uma situação complicada, aquelas que deixaram as casas de suas famílias muito cedo não fizeram a reservista. Começamos a acompanhá-las para fazer esse documento. Íamos próximo ao horário que finalizava o expediente e evitávamos o constrangimento de adolescentes gritando, vaiando etc. até que conversando com uma funcionária ela orientou um horário e dia menos tumultuado. As travestis muitas vezes não queriam nem sair do carro. Assim, conseguimos resolver a documentação de muitas. No instituto de identificação passamos por constrangimentos também e aí combinamos que ao ouvir o nome civil de uma delas, nós três ou as quatro levantaríamos ao mesmo tempo assim as pessoas não saberiam quem era de fato aquela pessoa. E, assim fomos resgatando a cidadania das meninas.

Os insertes de memória de Eliana Chagas dão conta de um entrelaçamento de histórias de vida, as quais a Unidas se alimenta e retroalimenta em busca da valorização do gênero e da identidade e, com isto, o sentimento de pertencimento é despertado e fortalecido.



Da esquerda para a direita – Laiza Minelli (Grupo Esperança), Janaina Dutra (Asa Branca), José Marcelo (Dialogay) e Luciana Lins (Unidas).

Foto: Acervo Unidas, 2001.

A Unidas foi gestada no último ano da década de 1990, nos três primeiros anos de 2000 firmaria elos importantes junto às lideranças do movimento LGBTI+, além de profissionais liberais, juristas e outras pessoas da sociedade, essenciais para as suas ações, por isto, estar presente nos eventos e estimular a presença das travestis constituiu-se também em estratégia de afirmação e posse do espaço público.

A incompreensão do movimento LGBTI+ organizado em relação às travestis e transexuais somava-se a angústia de muitos gays se travestirem, porém tinham medo de perder a profissão, clientela, porque se nos tempos atuais o preconceito encontrasse presente, sua força era ainda maior na década de 1990.

Um exemplo disto é a travesti Edith, marcadamente linda, talentosa, porém não teve sua carreira de cabelereira deslançada, pois o apoio que poderia ter recebido lhe foi negado pelos seus mestres por conta da sua “escolha” por ser travesti.



Bloco da Prevenção, da esquerda para a direita – Jéssica Taylor e Maluma.
Foto: Acervo Unidas, 2022.

Travestia-se em bailes carnavalescos, “Pagode Gente Gentíssima”⁴, em uma atitude aceitável, mas fazer disso uma rotina era impensável no cotidiano da pacata Aracaju⁵.

Na década de 1990, em Aracaju, inexistia a preocupação com saúde da população trans. O acesso também não era fácil e, não resta dúvida o quanto a epidemia da aids deu visibilidade a essas pessoas.

Um episódio mudaria radicalmente a relação entre as travestis e os serviços de saúde, o encontro entre algumas delas e a assistente social e educadora Eliana Chagas.

Em 1996, três anos antes da fundação da Unidas, Eliana Chagas chegou ao Programa Estadual de DST/aids e, na ocasião, identificou somente duas travestis fazendo o tratamento no ambulatório e

⁴ Baile organizado pelo cabeleireiro e funcionário da antiga Delegacia do Trabalho, o advogado Antônio Lisboa Neto, assassinado em 1998, por um ex-presidiário que conheceu na rua 24 Horas e levou para sua casa no Conjunto Beira Mar II, em Aracaju (SE).

⁵ No capítulo sobre algumas histórias de vida das meninas é possível identificar as dificuldades e episódios com os serviços de saúde, com os gays, o desamor familiar e o escárnio público.

foi através de uma delas que conseguiu conhecer outras e oferecer os exames de HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis⁶.



Dr. Almir Santana e Eliana Chagas - Foto: Eliana Chagas, 2022.

O encontro logo permitiria a criação de vínculos na rua, conversando e ganhando a confiança que muitas começaram a fazer os exames e algumas iniciaram o tratamento, embora a preocupação com as IST/HIV fosse enorme por conta da epidemia de aids, já entendia que elas não necessitavam apenas desses cuidados, já que havia a questão do uso de hormônios sem nenhuma orientação médica, a aplicação de silicone industrial, as afecções proctológicas causadas pela relação sexual anal sem uso do preservativo, o uso de pomadas e cremes, substituindo o gel lubrificante, além disso, se no atual momento tem-se ainda o despreparo nas Unidades Básicas De Saúde (UBS) para receber essa população, há mais de 20 anos o riso, o descaso era a tônica, gerando assim revolta e as reações explosivas contra atendentes, enfermeiros e médicos.

O tratamento de diversos problemas de saúde só foi realizado graças à boa vontade de alguns profissionais da área, a exemplo de

⁶ O termo empregado era DST (Doenças Sexualmente transmissíveis) mas mudou para IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis) em 2016, quando o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais, do Ministério da Saúde considerou mais adequado para a compreensão destas infecções.

Dr. Mário Vidal, além do apoio incondicional dos Programas Estadual e Municipal de IST/HIV/aids, mas os problemas de saúde dessa população não se resumiam somente em infecções de IST's, havia também problemas com ausência de documentos básicos, a exemplo do registro de nascimento.



Associadas da Unidas e Dr. Mário Vidal - Foto: Acervo Unidas, 2022.

Então, ir ao encontro dos serviços de saúde sempre foi e até os dias atuais ainda é uma tarefa árdua. As travestis e trans necessitam acessar esses serviços como toda a população e não somente ao ambulatório de IST/aids ou aos CTAs, assim, apesar das novas tecnologias, prontuários eletrônicos etc. há resistência em respeitar as questões de gênero, e não seria por falta de informações, seria sim por uma resistência em validar a existência do outro.

Neste ponto das memórias, é pertinente reconhecer o quanto a cidade de Aracaju se transformava. Era uma década de shopping center. As famílias mais abastadas iam migrando para o bairro 13 de Julho e Atalaia. As residências do Centro e bairro São José cediam espaço para lojas e clínicas e, um fato sobressai aqui, a avenida Ivo do Prado passava a receber travestis em suas esquinas para o trottoir.

A expansão da zona de prostituição, agora para regiões anteriormente ocupadas pela elite aracajuana, a morte de Antônio Lisboa Neto, em 1998, o florescimento de uma cena LGBT em Aracaju (Boate Biosfera Mix, de Pêu), dava conta de novos contornos acerca da cidadania de populações em situação de vulnerabilidade e, porque não dizer: marginalidade.

O florescimento da cena LGBT, também, é acompanhada por outros atores a reivindicar a presença na cena pública, a exemplo da Associação das Prostitutas de Sergipe, puxada por Maria Niziana Castelino⁷, a Candelária, e outros movimentos sociais a lutarem por suas bandeiras de luta e busca de engajamento de novos membros.



Da esquerda para a direita: Maria Niziana Castelino (ASP), Maluma (Unidas)
Foto: Acervo Unidas, 2022.

Talvez, a melhor palavra a ser utilizada para sintetizar a Aracaju dos anos 90 seja a mobilização social e, aqui, a Unidas é

⁷ Faleceu no dia 30 de maio de 2021, vítima da Covid-19, aos 70 anos. Uma mulher aguerrida e à frente do seu tempo.

a mais jovem instituição a pleitear direitos para um segmento extremamente exposto a situação de vulnerabilidade social, por isto, reivindicar a sua memória é, antes de tudo, permitir não se perder no tempo suas lutas e conquistas e agregar a história da cidade, a sua contribuição para o ingresso de tantas filhas ao rol da cidadania.

A década de 90 ficava para trás e alguns gestos iriam sinalizando o lugar da Unidas na luta pela cidadania, assim, o simples gesto de ir à praia aos domingos, especialmente quando se observava naquela época ser o principal lazer de parte da população aracajuana, era uma forma de demonstrar o quanto as travestis iam rompendo com o isolamento social.



Luciana Lins e Eliana Chagas na Praia da Aruana, Aracaju (SE), anos 2000.

Foto: Acervo pessoal

A rua e as noites das travestis em Aracaju dos anos 1990

Em 1998, sempre às quintas, sextas e sábados havia cerca de 35 a 40 travestis no centro da cidade até o final da avenida Ivo do Prado, quando ocorria maior fluxo na “batalha”. Assim como os flanelinhas⁸ e outros trabalhadores têm seus pontos marcados nas ruas e locais de grande movimentação de carros. A cada esquina tinha suas “donas”, e essas acolhiam novas travestis para dividir a “batalha”, denominadas de filhas e amigas.

É importante dizer não existir uma cafetinagem⁹ estruturada como nos grandes centros. Porém, a figura de um ou outro “protetor” era presente e aí o pagamento poderia ser com algum dinheiro, sexo ou até mesmo um casamento.

Durante os primeiros anos de idas às rua, distribuindo preservativos, conversando com as travestis e até conciliando alguns desentendimentos que iam ocorrendo por conta da concorrência etc., não se notou pressão por parte desses protetores, embora ocorressem alguns episódios de um marido que se sentia dono de muitas, mesmo tendo uma mulher oficial, ele se sentia “marido” de todas e agia com violência quando alguma o rejeitava, por isso, ter denunciado alguns abusos, terminou rendendo ameaças telefônicas e um encontro na Delegacia da Mulher.

Ao ser intimado o agressor/abusador levou fotos de um filho e da mãe da criança, alegou que tinha mulher e filhos, que era homem, e após algumas falas ele olhou e disse: “Você não salvará todas elas”.

A fala implicou na percepção de a Unidas, de fato, não ser capaz de salvar, mas elas tinham sim o direito de escolher não ser abusada por ele.

8 Os flanelinhas são pessoas, geralmente masculinos, que se ocupam de se responsabilizar pela guarda de automóveis em vias públicas, em troca de pequenas remunerações, sem qualquer proteção social.

9 A cafetinagem se traduz em um indivíduo envolvido com o agenciamento de outras pessoas para a prostituição, enquadrando-se no crime de rufianismo, previsto no art. 230, do Código Penal, com aplicação de pena de reclusão de um a quatro anos, e multa.

Os relatos das travestis sobre a forma violenta que ele as “intimava” na rua era chocante, ou seja, do nada. Aparecia na madrugada, em uma bicicleta, trazia uma mochila nas costas e entre outras coisas elas supunham que ele teria armas (faca ou estilete), e sempre com uma garrafa de vodca.

Ele foi denunciado e aos poucos foi perdendo força, bem como as meninas ganharam coragem para enfrentá-lo. Tempos depois circulou a notícia dele ter sido levado ao Hospital de Urgência Gov. João Alves Filho (HUSE) e veio a óbito dois dias após o internamento.

A morte desse agressor/abusador não implicou no desaparecimento de novas manifestações nos mesmos moldes, mas a rua tem adquirido novas dinâmicas e as travestis em situação de rua também mudaram muito o comportamento ao longo do tempo, especialmente em relação a criação de vínculos para se protegerem.

Talvez, seja possível interpretar esse expediente de cobrar a rua em troca de “proteção”, ou seja, funciona ainda em Aracaju por conta do sentimento de desamparo. A família rejeita, o Estado não respeita e não dá segurança, apesar desse expediente não funcionar mais com muitas, algumas mais jovens ainda que sem experiência acha essa “proteção” necessária. As mais vividas reclamam o respeito pelo tempo que ali estão.

Não raro, há a seguinte fala: “Nós abrimos o caminho para vocês! Se não fosse por nós vocês não estariam aqui!”.

Evidentemente, muitas morreram na rua e se hoje há uma delegacia aberta a noite, um tratamento diferenciado nos serviços de saúde é à custa da luta e da vida de muitas, a Unidas tem um papel central neste processo de conquista do respeito à identidade de gênero, apesar das dificuldades para o ingresso no mercado de trabalho formal.

A reclusão das travestis em Aracaju dos anos 1990

Incompreensão talvez seja a palavra mais pertinente para se falar da relação entre sociedade e travestis. Uma constatação essencial para o nosso debate é a identificação das estratégias desenvolvidas pela Unidas ao longo de 20 anos, pois, pensar a trajetória das meninas é, antes de tudo, reconhecer a nuance da reclusão.

Viverem reclusas não é uma opção. É uma imposição da sociedade, e essa atitude era maior na década de 1990, a ponto de não terem condições de saírem às ruas, ao comércio, sem serem alvo de agressões verbais e, muitas das vezes, físicas, quando não seriam vistas na condição de marginal, a ponto de serem retiradas a força das lojas de departamento, demarcando assim uma rotulagem social.

O fato de estarem reclusas nos quartos de vila, socializando-se entre elas, terminava por criar uma dependência com os “maridos”, ou vizinhos de quarto, ou ainda as donas das vilas, com o intuito de conseguirem alguém para ir ao mercado comprar os produtos que necessitavam, nessa relação havia a cobrança pelos serviços prestados.

O escárnio terminava por ampliar ainda mais as dificuldades para acessar os gêneros de primeira necessidade e ainda encarecia o custo de vida, por isto, a mobilização da Unidas sempre foi por criar estratégias de ocupação da cena pública, de visibilidade e aos poucos estarem seguras do direito constitucional de ir e vir.



PARTE II

AS TRAVESTIS

As travestis e seus dramas

Os companheiros

A grande maioria delas tinham companheiros, um marido, com quem elas dividiam pequenos quartos de vilas nos bairros do Centro, Getúlio Vargas e Siqueira Campos, por estarem próximos dos pontos de prostituição (Banese, Ivo do Prado e Leste Brasileira).

Alguns companheiros as protegiam na batalha e durante o dia saíam para fazer compras. Não trabalhavam e eram sustentados pelas meninas, muitos eram agressivos, machistas e a maioria já tinham sido maridos de outras travestis.

Geralmente, advindos dos bairros periféricos, com baixa instrução, sem profissão definida, entre o fim da adolescência e os 30 anos, mas mantinham a atmosfera masculina e não se consideravam gays.

Uma exceção foi um funcionário de um veículo de comunicação local, que chegou a casar, no Centro de Interesse Comunitário (CIC), promovido pelo Grupo Dialogay de Sergipe, ele também havia sido marido de outras travestis. O casamento não durou muito tempo¹⁰.

Ter um marido trabalhador e afeito a dividir as contas da casa era motivo de orgulho, apesar de o comum era encontrar um marido valentão, brigão e sustentando por elas. Algumas mais experientes que sustentavam seus companheiros exigiam fidelidade absoluta e trancavam a porta à noite quando saíam para a batalha, a ponto de levarem a chave.

10 O Cinform, edição 677, de 1º a 7 de abril de 1996, publicou a matéria de página inteira, intitulada: "Homossexuais, do mesmo sexo, casam escandalizando Sergipe". A manchete já dava o tom do texto e as fotografias não deixam dúvidas quanto as limitações do autor em retratar o segmento de forma jocosa. O evento fazia parte dos 15 anos do Grupo Dialogay de Sergipe.

A narrativa das relações afetivas não é somente marcada pela exploração dos maridos de travestis, há relações duradouras, a exemplo do casamento de Jéssica Taylor, em que o companheiro trabalha com carteira assinada no comércio local, além de manterem uma união de mais de 15 anos.

Os maridos aparecem como um suspiro, ainda presente, do afeto, do amor, a ponto de desvelar total entrega, como uma prova da capacidade de encontrar alguém em condições de fazer a diferença entre a prostituição e um relacionamento aos moldes da sociedade, assim, o trabalho seria uma forma de assegurar a sobrevivência, talvez por um tempo e, mais adiante, um serviço com carteira assinada, um apartamento próprio e a vida seguiria outro ritmo, sem a mácula do passado.

Os relacionamentos também apontam as carências, os sonhos, o desejo de construir uma relação aos moldes da heterossexualidade e, não raro, tem casais que estão juntos a mais de 15 anos, com os mesmos problemas e dilemas de uma relação heterossexual.

A rua

Os espaços de prostituição nunca foram locais tranquilos, a ponto de as travestis terem desenvolvido estratégias de sobrevivência, a exemplo de se manterem sempre em movimento na calçada, atentas aos transeuntes e automóveis, especialmente a redução ou aumento da velocidade.

O medo de serem alvos de atentados levou as meninas a gravarem fisionomias e marcas de automóveis, para se prevenirem de possível abordagem violenta.

Assim, hematomas, escoriações e xingamentos sempre fizeram parte da vida nas ruas, por isso, muitas nunca se sentiram à vontade nesses espaços, a ponto de relatarem casos de extorsão, espancamentos, sequestros com conseqüente humilhações e espancamentos, sem falar daquelas que foram mortas de forma violenta.

A rua é palco do medo, humilhação e, também, espaço de autoafirmação. Ambiente de exibição das silhuetas, da maquiagem, das roupas, dos gestos meticulosamente ensaiados, da voz meiga. É o momento de apresentar-se às outras, aos clientes, aos transeuntes e demonstrar feminilidade.

A Polícia

A polícia é um capítulo à parte. A conduta dos agentes públicos vai do deboche, cobrar propina, amedrontamento, cliente, histórias não faltam, a exemplo de um policial que afirmou ter levado um tiro no pé, quando havia sido abordado por uma travesti e, na tentativa de extorsão, a agressora pegou a arma da sua cintura e disparou, enquanto ele lutava para se desvencilhar.

A história serve para identificarmos contornos adversos assumidos na noite aracajuana nos espaços de prostituição, em nada a presença da polícia militar ou mesmo civil inspira confiança nas travestis.

E a desconfiança decorre das extorsões, das ameaças, dos amedrontamentos dispensados por agentes das forças públicas, e não raro a realização de programas sem o devido pagamento.

Hoje menos, mas no passado muitas vezes passavam os fins de semana encarceradas, sob a tutela de um Estado, sem processos, sem causa aparente e liberadas nas segundas-feiras depois de prestarem serviços sexuais e limpeza da carceragem.

Cenas dessa natureza estão presentes em relatos das travestis mais velhas, resgatar documentos comprobatórios é muito difícil por terem sido recolhidas das ruas e nenhum procedimento ter sido aberto, apenas visava assegurar a sua retirada da cena pública.

Assim, é quase impossível uma travesti encontrar a polícia na rua e considerar como confiável para suas necessidades de segurança, ao contrário, tende a ver como um risco, um malogro, entre elas os “*alibãs*” devem ser evitados.

Os riscos

Para uma travesti viver é um risco, constatação fácil de se comprovar quando se verifica as estatísticas da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra¹¹) aponta uma recorrência de casos de homicídios de travestis e transexuais, a ponto de a expectativa de vida não ultrapassar os 35 anos¹².

Os riscos enfrentados pelas travestis e transexuais vão da incompreensão familiar, e o resultado das rusgas no cotiado do lar pode descambar para agressões, espancamentos e expulsão de casa.

Não raro, as meninas também relatam episódios de *bullying*, enquanto justificativa para o adoecimento, a baixa autoestima e a consequente evasão escolar.

As dificuldades enfrentadas em casa, na escola também são vivenciadas em espaços do sagrado, quando padres, pastores e membros vinculados a práticas religiosas soltam comentários depreciativos, quando não o fazem de forma aberta e chegam a impedir a sua entrada nos templos e, em alguns casos há episódios de humilhação pública ou tentativa de impor a cura.

O somatório das humilhações termina impondo a saída de casa, da escola, da igreja, o afastamento da comunidade e, consequentemente a aproximação com a atividade da prostituição, enquanto caminho, quase natural para assegurar o mínimo de dignidade, ao proporcionar o básico para a sobrevivência, mas nesse ambiente diferentes fatores podem significar a aproximação com a morte ou o cárcere, quer no acesso a drogas ou pequenos delitos.

As dificuldades de acesso aos serviços de saúde

11 Os dados estão escritos no “Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais”, organizado por Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira, e publicado em 2021.

12 A jornalista Larissa Bortoni (2017), da Agência Senado, elaborou uma reportagem sobre a temática, procurando demonstrar o fato de as travestis viverem a metade do tempo de um brasileiro médio.

O fato de o médico atender muito cedo implicava em uma série de dificuldades, especialmente para alguém que ficou em pé até a madrugada, acordar antes das cinco para o asseio, maquiagem e preparativos de roupa e calçado não é uma tarefa fácil, por isso optamos por acompanhá-las nas consultas, mesmo porque sabíamos que somente assim não haveria risco de perderem o atendimento, nem sempre fáceis de conseguir, quando havia algum empecilho a próxima oportunidade poderia significar um quadro de saúde agravado.

Soma-se as limitações específicas das travestis, a má vontade de atendentes, o descaso de alguns médicos, a morosidade do serviço público e o destrato com as pessoas nesses espaços, assim, ser travesti e estar doente as colocavam em situação de múltiplas vulnerabilidades, logo o nosso papel era servir de mediação, evitando a chacota e as reações bruscas delas, quanto sentiam algum recalque.

Assim, em uma ocasião, duas travestis foram a uma unidade de saúde, ao procurarem a recepção para preenchimento da ficha, ela pegou a identidade, virou a foto e deixou à mostra somente o verso, como soletrasse informou: “Raimundo José dos Santos¹³ morreu, realize!”. A amiga ouviu, deu uma balançada no cabelo e todas trabalhadas no salto e perfume sacudiram a bolsa e foram se sentar.

O ambiente era tomado pelas conversas dos pacientes, enquanto as duas esperavam a vez de serem chamadas.

O inusitado aconteceu quando o nome de batismo rasga o ambiente. A colega então diz: “É você?”. O tom de deboche estava posto ao falar pausadamente, mas a interlocutora apenas retrucou: “Morreu!”.

Passados alguns instantes, o mal-entendido é desfeito com a primeira atendente tendo ido em direção as duas amigas e cha-

13 Nome fictício.

mando-a para a consulta, mas ao passar diante daquela que se esquivava para encontrar o tal Raimundo, recebeu uma bolsada e a seguinte repreensão: “Recalcada!”. Fatos dessa natureza aconteceram reiteradamente, em alguns casos de forma proposital, a ponto de o atendente reclamar com a travesti sobre o seu nome de batismo, a foto e sua aparência. Isso demonstra o quanto a decisão do Supremo Tribunal Federal foi justa e necessária para assegurar a cidadania das travestis e transexuais, ou seja, “O Supremo Tribunal Federal (STF) entendeu ser possível a alteração de nome e gênero no assento de registro civil mesmo sem a realização de procedimento cirúrgico de redesignação de sexo. A decisão ocorreu no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4275 [...]” (NOTÍCIAS STF, 2020).

Recentemente, o Sistema Único de Saúde também emendou esforços para prestar um melhor serviço a este segmento quando editou a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, instituída através da Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011 (BRASIL, 2013).

As meninas da Unidas e suas histórias

A intenção aqui é apresentar um pequeno relato das meninas da Unidas¹⁴ ao longo desses 20 anos, as quais sinalizam e dão colorido ao percurso, com suas histórias, dramas e acima de tudo, permite-nos ajudar na perenidade de suas contribuições para a cidadania das travestis e transexuais em Sergipe.

O propósito é também reconhecer o lugar de cada uma delas nessa batalha de 20 anos.

Resgatar suas histórias e reencontrá-las no percurso da Unidas, no sorriso, nas dores, nas angústias, nas lágrimas e alegrias de duas décadas de existência.

¹⁴ Consideramos prudente renomear as meninas, como uma forma de preservar suas identidades, assim, somente Luciana e Jéssica, por serem fundadoras e assumido o cargo de presidente da Instituição, resolvemos mantê-los.



Povoado Saúde, Fazenda Mãe Natureza, 2007.
Workshop sobre autoestima e prevenção as IST/HIV/aids.
Foto: Acervo Unidas, 2022.

Denominar de meninas é uma forma carinhosa, um jeito denominar e afirmar uma relação marcada pelo afeto, quando a rua e a sociedade teimavam em massacrar, destruir e desconstruir uma identidade, um pertencimento, por isso, é inegável o quanto as amamos e nutrimos sonhos e projetos para cada uma delas, mesmo suas vidas tomando ritmo e rumos nem sempre imagináveis por uma “mãe”, como Eliana Chagas é carinhosamente chamada.

O tempo passou, mas o afeto aumentou, como cada história foi se constituindo, por isso, caberia aqui um livro para cada uma delas, mas, por hora, iremos fazer uma síntese, conforme a memória de Eliana Chagas permite.

Edith

Uma das primeiras cabeleireiras de Lisboa, um dos mais famosos espaços de beleza da capital sergipana nas décadas de 1980 e 1990, e Eliana Chagas chega a fazer o seguinte comentário:

Edith era linda, lembro que certa noite estávamos no bar Alternativa, vizinho ao Sosucos na Praça Camerino, quando vimos uma multidão em meio a rua entre a praça e o bar para admirar a beleza da travesti Edith. Ela tinha saído um pouco do seu posto de trabalho em frente ao Palácio do Governo e foi nos prestigiar.

Edith era talentosa, dublava lindamente as divas da música nacional e internacional, abrilhantou o Club do Anjo Azul, criado por Barrinhos¹⁵, com Audry da Pedra Azul¹⁶, nas noites de quinta-feira a festa era intitulada a “Noite do Anjo Azul”. O Clube fornecia carteirinhas aos frequentadores vips.

Nas festas LGBT, os shows de Edith eram garantidos.

Um dia ela se feriu gravemente com um lápis de olho. Aca- bou perdendo uma córnea, quando convivi com ela já usa- va um tampão no olho ferido. Sofreu muito com bullying por conta do tapa olho. Vivendo por muitos anos em um único bairro, teve que sair do local que se sentia à vontade e era aceita por todos após a morte de sua mãe, pois os irmãos quiseram vender a casa para receber a herança.

Ela conseguiu comprar uma casa com a ajuda de sua avó paterna em outro município na grande Aracaju, a partir daí percebi mudanças na sua forma de se vestir, lidar com

15 João de Barros faleceu em 05 de janeiro de 2001, de infarto fulminante. Um personagem singular da comunicação e cultura sergipana. Em sua coluna diária no Jornal da Cidade retratava o cotidiano da alta sociedade aracajuana, divulgava a cultura, vasculhava pontos da política sergipana, por 25 anos comandou um programa semana na TV Atalaia. Partiu dias antes de completar 52 anos, mas sua alegria desfilou pelos carnavais da capital sergipana com roupas elegantes.

16 Cover oficial de Ney Matogrosso em Sergipe.

os problemas, o cuidar de si deixou de existir. O feminino foi se distanciando dela, a tristeza em seu olhar era nítida. Ela foi adoecendo e poucos anos mais tarde faleceu.

Edith é uma das fundadoras da Unidas e uma entusiasta do quanto a organização poderia fazer pela cidadania de todas elas, independentemente da contribuição individual, mas pelo simples fato de assegurar voz.

Ruth

Uma das primeiras trans a ir para a calçada em nossa cidade. Já há alguns anos ela deixou as ruas, vivia em companhia de sua mãe em uma casa alugada, hoje mais idosa e acamada. Ela cuida da mãe, renunciou a muitos sonhos e tem uma vida com horários limitados. Já fabricou bijuterias que tinha como principais clientes as profissionais do sexo do centro da cidade. Atualmente, sobrevive vendendo perfumes e produtos de beleza.

Ao passar a confeccionar bijuterias abandonou as ruas, da noite adquiriu suas clientes, especialmente as mulheres nos cabarés e hotéis do centro de Aracaju, na memória de Eliana Chagas é possível resgatar a seguinte fala sobre Ruth:

Ruth muito sempre me ensinou a respeito da diversidade e fantasias e desejos, pude entender que elas precisavam ter uma saúde mental equilibrada para lidar com o contraditório diariamente, certa feita relatou ter um cliente fiel que seu desejo era calçar seus saltos e desfilar pelo quarto do hotel, e as vezes que ela não ia para rua com os saltos esse cliente aparecia e passava na casa dela ali no centro para pegá-los. Ela contava isso de uma forma como se as pessoas não soubessem o que de fato acontece. Outro se deitava no chão do quarto e pedia que ela pisasse nele com o salto. Lidar com as fantasias dos clientes durante a noite e ser execrada durante o dia fazia parte da rotina delas.

O relato dá o colorido de parte do mosaico da vivência das travestis da Unidas, como pode ser de tantas outras envoltas nas teias da prostituição como estratégia de sobrevivência e, neste lugar, tão mágico, e tão cruel, esboça-se muito do pertencimento e identidade de uma sociedade no campo da sexualidade e dos interditos, em especial os desejos sexuais.

Lys

Ela vive com a família até hoje, sempre é tratada por sobrinhos e irmãos por Lys. Nasceu e vive a mais de quarenta anos no mesmo bairro, tem um salão na casa da família. Apesar de ter recebido o apoio da mãe e de irmãos e sobrinhos, estudado nas escolas do bairro, ela frequentou a noite do centro da cidade. A prostituição não era um meio de sobrevivência, mas uma afirmação e confirmação de sua feminilidade. Naquela época a calçada era um caminho natural.

E nas palavras de Eliana Chagas:

Tive convívio com Lys em um momento difícil de sua saúde. Ela havia colocado silicone industrial no quadril, pernas e joelhos, três dias após a aplicação a infecção foi violenta, em todos os pontos a qual tinha injetado o líquido se abriu em enormes feridas.

Um dia após o procedimento de Lys, outra trans que colocou silicone nas nádegas, com a referida “bombadeira”, apresentou a mesma infecção.

As duas permaneceram internadas por dois meses, ao longo do tempo tiveram que aprender a conviver com cicatrizes, apesar de precisarem de enxertos, mas tempos depois a segunda trans colocou silicone no mesmo lugar.

A Unidas fez a segunda cartilha de redução de danos para o uso do silicone líquido, com várias fotos dos danos cau-

sados por este produto de uso industrial, usado em motor de avião, vendido no mercado clandestino.

Esses casos impõem, ao menos, um questionamento: Por que fazer uso de algo tão perigoso? Fizemos a cartilha de redução de danos porque sabíamos que os riscos de utilizar esse produto não era desconhecido pela maioria, mas o desejo de construir um corpo feminino era mais forte para as travestis, então só nos restava tentar minimizar os riscos alertando quanto a higienização do espaço físico entre outras orientações.

Elas por diversas vezes verbalizaram que a “dor da beleza” era um sofrimento necessário para alcançar o objetivo de ser mulher, o “truque” precisava do silicone e de hormônios. Esse último administrado em doses excessivas sem controle nenhum, apesar de muitas terem morrido em decorrência do silicone líquido.

O produto se desloca no corpo e muitas colocavam nos seios que escorria para os pulmões, causando a morte. Com o passar dos tempos a cirurgia de prótese mamaria se popularizou entre as travestis, principalmente nos grandes centros urbanos, muitas foram financiadas por cafetinas, que cobravam o dobro que pagariam ao médico.

A prótese era também um investimento financeiro pois garantia que a feminidade não seria questionada. Peito e bunda em nossa cultura é sinônimo de feminino. Isso é tão forte que os homens trans usam uma faixa para não mostrar aquele atributo tão feminino. Então, o silicone industrial deixou de ser utilizado em mamas, mas mesmo nos tempos atuais, os cartórios fazendo a retificação do nome, entre outros avanços, as travestis continuam buscando o corpo feminino ideal se utilizando desse produto que tem ainda provocado mortes.

Recentemente, Lys telefonou solicitando ajuda para a retificação de seu nome, então, encaminhei-a para a Casa

Amor e após as orientações recebidas e documentos impressos a acompanhei ao cartório, dias depois fui retirar sua nova certidão de nascimento.

Para mim foi importante ter participado desse significativo momento da vida de Lys, vê-la escolher seu segundo nome e dizer como seria escrito, pois, para as trans mais jovens esse processo poderá ser natural, mas para trans que há trinta anos colocaram a “cara” na rua é um processo vitorioso.

E, por mais que a família a trate pelo seu nome social, tem sempre aquela pessoa na família que no momento de desentendimento lembra-a seu nome de batismo.

Agora está no seu documento Lys Stefanny.

Relatos dessa natureza dão conta da importância de uma instituição de defesa dos Direitos Humanos, no mais singelo gesto da Unidas, o simples fato de existir é uma certeza de haver alguém capaz de lutar por uma sociedade mais inclusiva, como ocorreu com tantos casos de retificação de nome e retirada de documentos, assegurando assim à travesti a condição de existência para o Estado.

Ayla

Ayla chegou a Unidas alguns anos depois de sua criação e sempre se faz presente no dia a dia da ONG, como a maioria das travestis e transexuais, sofre homofobia familiar, mas sempre teve o apoio e a preocupação de sua mãe com sua sobrevivência.

Recentemente, sua genitora faleceu e mais uma vez foi possível presenciar o quanto esse vínculo de mãe é forte, ao se romper, de forma física, é como as travestis perdessem a referência e o sentido da vida.

Lys

Lys foi uma das primeiras travestis a aparecer no nosso cenário, não necessitou sair da casa da família para assumir seu desejo de ser mulher. Teve por um período um trabalho em uma agência de turismo, mas logo depois preferiu ir viver na Europa, passou anos na Itália, Espanha e Portugal, mais recentemente, passa temporadas na França, apesar de escolher sempre viver longos períodos em Portugal.

É militante do Movimento Trans, adora fazer shows, dublando as grandes musas como Edith Piaf, Laura Pausini e Dalida.

Recentemente, visitou a casa de Dalida, quando fez um vídeo falando de sua emoção em estar ali no lugar que a grande Musa do universo trans residiu.

É importante considerar o fato de sua família sempre a apoiar, especialmente quando se compreende ter outra irmã também travesti, a família sempre acolheu.

Lis é sempre mais presente, gosta do clima do Brasil e da sua cidade, assim, tanto ela quanto a sua irmã Lys são exemplos de que é possível ter o apoio da família, apesar do repúdio de uma parte dos parentes com as travestis.

Jéssica



Jéssica Taylor, fundadora e atual presidenta da Unidas

Imagem: Acervo pessoal, 9 mar. 2021.

Jéssica é uma sobrevivente e, muito mais que isso, tem sobrevivido com dignidade. Saiu do seio familiar aos 11 anos de idade. Trabalhou como babá, empregada doméstica em cidades do interior de Sergipe, ao chegar a Aracaju continuou a vida de doméstica e depois foi conhecer a prostituição.



Jéssica Taylor – Bloco da Prevenção no Pré-Caju

Foto: Acervo Unidas, 2022.

É fundadora da Unidas, mas a sua escola é a da vida. Estudou muito pouco, apesar de ter aprendido a lutar pela sua sobrevivência, a respeitar as pessoas, a ser simpática.

Jéssica é carismática, ótima cozinheira, conta sua luta sem se vitimizar. Não teve experiência com a prostituição de outras cidades, mas sempre acolheu quem escolheu vir para cá e literalmente mantém a Unidas de pé.

É perceptível o respeito nutrido por sua mãe e irmãos por ela e, em 1998, quando a conheci, ela já tinha um companheiro, que permanece até hoje. Acredito que tenha sido o primeiro caso de união estável de uma travesti realizado em Vara de Família em Sergipe.

Jéssica passou três anos lutando para ratificar o nome, mas não desistiu.

A brava Jéssica é dona de casa e se sente feliz em passar a farda do companheiro para ele ir ao trabalho bem arrumado.



Jéssica Taylor na Unidas na Praça - Foto: Acervo da Unidas, 2022.

Sem dúvida, é uma ativista Trans. Não mede esforços para ajudá-las, especialmente quando estão fragilizadas e não podem aparecer, mesmo quando as narrativas são desfavoráveis, mas a luta é travada com o mesmo afinho e dedicação, até mesmo quando compromete suas rendas já fragilizadas, ao pagar uma passagem

urbana, quando ali estaria o seu café da manhã ou jantar, mas o faz independente do custo ou retorno financeiro.

Eliana Chagas complementa:

Nos longos anos ao seu lado sempre a vi segurando as bandeiras da cidadania das pessoas travestis e transexuais do nosso estado, com muito amor e vontade de ajudar a construir uma sociedade mais humana e inclusiva.

Jéssica persiste na luta e se tornou a referência da Unidas ao longo do tempo.

Uilly

Em 1998 conheci Uilly, uma alagoana radicada em Aracaju e uma das fundadoras da Unidas. Uma de suas características mais marcante era o fato de sempre contar histórias sobre sua família, apesar de ninguém nunca ter visto seus parentes.

Por muito tempo demonstrou, como a maioria das travestis daquela época, o sonho de ir a Europa, ou seja, até atualmente o número de trans brasileiras, sobretudo na Itália, é muito grande.

O sonho tinha uma razão de ser, presentear a mãe com uma casa, mas Uilly era órfã, então o regalo dirigia-se a tios, tias e primos. Acredito que o sonho dela se concretizou depois de alguns anos de Europa, quando pôde retornar para a casa dos familiares em outro estado e lá permanecer.

Em alguns contatos pude perceber que ela era tratada pelo nome masculino, sua justificativa saiu de forma tranquila e serena, ao considerar normal, especialmente pelos familiares serem evangélicos, para ela não tinha nenhum problema. O importante ali era ser acolhida, o passado era apenas lembranças de batalhas necessárias para compor as condições para todos estarem juntos.

Francis

A primeira vez que ouvi falar sobre o silicone industrial foi através de Francis que havia injetado nela própria. Ela contou assim:

Injetei com uma seringa e agulha de uso veterinário vários copos de silicone líquido nos seios. Desmaiei, retornei e desmaiei novamente e só parei quando coloquei até a última gota do produto. Tapei os orifícios com cola de secagem rápida.

E Eliana tece o seguinte comentário sobre a escuta:

Eu não sabia o quanto aquilo era prejudicial, sabia sim que era uma construção do corpo feminino e que no mundo delas era normal.

A dor era suportada, pois se tratava da “dor da beleza”, e travesti que não tinha silicone não era de fato uma travesti. Hoje, eu vejo crenças iguais a essas com os homens trans. Homem trans faz uso de hormônio masculino. E por conta das infecções causadas pelo silicone líquido muitas faleceram e muitas carregam no corpo as consequências desse corpo estranho.

Francis veio de outro estado, não foi fundadora da Unidas, mas participou ativamente. Era filha adotiva e saiu de casa muito cedo. Aqui viveu em quartos de vila, até que conheceu uma senhora e adotou como mãe tomando também seus filhos e netos para si. Viajou diversas vezes para a Europa, proporcionou uma vida melhor à sua nova mãe, sonhava em ter um marido e tentou por algumas vezes ter esse sonho realizado, situação que sua mãe adotiva não concordava, até que foi deportada algumas vezes, não conseguindo retornar, a situação financeira foi se agravando e a relação com a mãe foi ficando tensa e fria.

Por fim teve que viver em um quarto e sair à noite para ter condições de se alimentar, mudando-se depois para outra capital,

acabou alguns anos depois retornando para a Europa. Perdeu os bens que tinha, pois estava em nome de pessoas que ela considerava mãe, prima etc. Hoje vive na Europa tentando sobreviver e como ela mesma diz adquirir um futuro, mas em tempos de euro, cada dia mais está difícil, e porque não dizer penoso, para quem sobrevive do trabalho de prostituição nas ruas.

Aisha

Aisha foi uma das fundadoras da Unidas, apesar de sabermos pouco sobre sua família, pois a conheci casada com Alex e batalhando para sobreviver.

Diariamente, frequentava a sede da Associação no bairro Siqueira Campos.

Há mais de 10 anos reside na Europa e nunca mais retornou.

Esporadicamente, entra em contato com Eliana Chagas e relata sobre sua luta para sobreviver em outro país.

Em tempos de redes sociais, a interação se tornou mais fácil e ela entrou em contato solicitando um documento em cartório atestando que ela não era casada em nosso país.

Tempos depois, Eliana Chagas recebeu notícias de seu casamento na Itália, quando fez vídeo e enviou fotos.

Hannah

Em 2017, Hannah faleceu, justamente no dia que foi diagnosticada com câncer no fígado, o óbito veio em menos de 60 dias, assim, em seus últimos dias, o olhar transparecia o ardor do desejo da vida, marcado pela dor de tantas lutas, mas abatida pela certeza da finitude.

Ao viajar à Itália percorreu o mesmo trajeto das outras travestis em busca de seus sonhos. Por lá passou muitos anos, mas o coração e a mente sempre estiveram entre seus familiares, amigos e amigas.

Impressiona sua atitude nos momentos finais de sua existência. Doente, quis poupar a família. Recusou-se a dizer que estava precisando de cuidados, escondeu o quanto pôde e preferiu ser cuidada por Eliana Chagas e amigos.

Na última semana de vida pediu para ir ver a mãe, dias depois faleceu serenamente, como se tivesse encontrado a paz tão desejada.

Luciana



Luciana Lins, fundadora da Unidas - Foto: Acervo Unidas, 2017.

Uma personagem chave da história da Unidas é Luciana Lins, pelo seu empenho e coragem de ocupar a cena pública e buscar construir pontes em prol dos direitos das travestis de Sergipe. Sua coragem, sua determinação estão encravadas nas primeiras batalhas da Unidas.

A importância de Luciana Lins aparece no relato dado por Eliana Chagas, ao contar:

Conheci Luciana em 1998. Fiquei impressionada com sua feminilidade. Uma travesti sem sombra de dúvidas, mas era isto mesmo o fim desejado ao procurar passar a impressão da identidade de travesti, essa atitude ainda permanece.

Luciana apresentou-me à maioria das travestis daquela época, não deixou de demonstrar competência na escolha de sua diva, a egípcia naturalizada francesa, a cantora Dalida, nascida no Cairo, em 1933, com uma trajetória glamorosa, desde a eleição para Miss Egito e, posterior-

mente, a carreira inigualável na França, a ponto de ser considerada pelos franceses, junto com Edith Piaf, uma das mais importantes cantoras do país.

Dalida cantava em mais de 10 idiomas e gravou em diversas línguas, foi a primeira cantora a receber um Disco de Diamante, e faleceu de maneira trágica em 1987. A sua personalidade meiga e voz inconfundível sempre encantou e inspirou as travestis nos seus shows de dublagem.

O contato com as travestis levou Eliana Chagas a aprender a gostar e admirar Dalida e, em 2013, visitou o seu túmulo em Paris.

Dalida carregava uma história de amores não correspondidos, dores emocionais fortes, até que não suportou e faleceu com uma overdose de barbitúricos.

Acredito que além da beleza que inspirava as travestis a vida carregada de sofrimento aproxima ainda mais esse ícone da música. Seria muito raro uma trans não saber quem foi esse ícone da música francesa, pois recentemente recebi uma foto e vídeo da casa e da rua onde viveu a cantora em Paris. Atualmente, quem sempre admirou Dalida continua fiel. As músicas, a história dela também me ajudaram a conhecer esse universo, a humanizar cada descoberta o meu olhar para as meninas.

Luciana foi a primeira presidenta da Unidas, ela tinha o poder de arregimentar as trans. Era considerada mãe de muitas. E ser mãe para elas é acolher, ensinar, proteger e cobrar, ser considerada e respeitada pelo resto da vida. É assim que as mais experientes eram tratadas pelas iniciantes, além disso, deveria orientá-las quanto ao uso de hormônios, e qual faria bem para crescer os seios, bunda etc., no fundo a jovem travesti tinha acesso a um coquetel de remédios. As consequências para a saúde eram inúmeras, mas esse assunto nem era cogitado, o que importava era dá o “truque”.

O silicone líquido era também indicado pela “mãe” que já tinha vivido também a “dor da beleza”, pois, muitas colocaram silicone líquido industrial aos 16 anos de idade, como foi o caso

de Heidy, que aos 46 anos sente as consequências desse produto no corpo, mas acredita que naqueles tempos o caminho era esse, ou seja, pode-se dizer que seria o “mal necessário”.

Luciana é uma daquelas pessoas do coração enorme, faz amizades com muita facilidade e não faz escolhas a quem quer ajudar ou proteger, assim não seria exagero afirmar o fato de ter intermediado a chegada à Europa de dezoito travestis, ou melhor, dezoito filhas.

Luciana foi à Itália no final dos anos 80, depois da primeira entrada outras tantas se seguiriam. Em 2006 retornou ao solo italiano, permanecendo por lá até o final de 2014.

Em certo dia, Eliana Chagas ligou e Luciana disse que estava ouvindo um CD de músicas italianas, lembrando os bons tempos da Itália, numa espécie de rememoração, pois ali se encontra a essência da afirmação da travesti.

Não são poucas as pessoas que questionam essa escolha das travestis pela Itália, assim, Eliana Chagas considera estranho que o país que tem uma cidade conhecida como referência para a moda (Milão) não tenha caído no gosto das travestis, pessoas que adoram a moda, os perfumes, o glamour.

Apesar da condição ser ilegal da maioria, elas sempre foram respeitadas e sempre tiveram acesso a instituições de saúde. Nos dias atuais a imigração crescente acaba dificultando o acesso a essas instituições. Apesar disso, muitas travestis escolheram a Itália para permanecerem vivendo, embora verbalizem a falta do verão, calor, carnaval, praias, familiares, mas demonstram o pânico a cada notícia de assassinato de pessoas trans e LGBTQs, notícias como essas temos todos os dias. A homofobia, a violência em nosso país são vergonhosas.

A permissão do casamento entre pessoas do mesmo sexo, várias têm se casado na Europa e garantindo assim a cidadania, e sem dúvidas garantindo não necessitar correr risco de vida no Brasil, pois aqui temos muitas leis e poucas políticas públicas para a população LGBTQ.

Luciana Lins optou pela saída de cena. Reclusa, vive sob os cuidados da mãe e imersa numa luta cotidiana com seu imaginário. É uma alma doce.

Heidy

A vida dificilmente segue o roteiro dos contos de fadas, especialmente para as travestis, apesar de o universo ser marcado pelo brilho, pelas performances maravilhosas de cantoras memoráveis e pelo sonho de uma reviravolta na vida a ponto de tudo mudar para melhor. Mas, no caso de Heidy, o destino reservou a morte da mãe antes de um ano de seu nascimento, o cuidado até os treze pelas irmãs mais velhas, pois o pai não quis o menino quando veio embora para Sergipe com outra companheira.

Aos 13 anos saiu da casa da irmã, devido a não aceitação por parte do cunhado, sempre descontente com aquele menino afeminado, nas ruas viu-se nos braços de cafetinas e para sobreviver viajava por várias cidades do Brasil. Um tempo ali, outro acolá e assim ia construindo uma experiência de vida ímpar.

Escolheu seu nome em homenagem a uma namoradinha da escola lá da cidadezinha onde viveu, seguindo a regra do universo das travestis, ou seja, foram adquirir identidade com alguém conhecido.

Rodava o Brasil e retornava a Aracaju onde estavam vivendo a maioria de seus familiares. Visitava, mantinha uma relação próxima com as irmãs, mas morava com outras travestis ou sozinha.

Heidy sempre foi super vaidosa, com bom gosto para comprar roupas, bolsas, sapatos e maquiagens, por isso nunca gostou de ter marido, alegava que esses causavam despesas.

Em muitas ocasiões deixava escapar a comparação com as irmãs, especialmente ao se considerar mais feminina, apesar de receber em retribuição a nomeação sempre no masculino, ou seja,

o mesmo nome de seu pai, mas apesar de toda a rejeição sofrida ela nunca quis se distanciar de seus parentes mais próximos. Magoava-se, mas continuava buscando o apoio da família, e às vezes falava “É o meu sangue”.

É de uma geração do sonho de ir à Europa, trabalhar e voltar com dinheiro para ajudar as irmãs e os sobrinhos. Atualmente, continua vivendo na Europa, já adquiriu bens materiais, reformou a casa do pai e sempre se orgulha disso.

O sonho de retorno ao Brasil é sempre adiado pelo desejo de adquirir mais algum dinheiro, apesar de enfrentar uma saúde fragilizada. É o menino frágil transformado na mulher forte e corajosa a cuidar sempre dos seus entes queridos.

A Itália está em sua alma, com o glamour das roupas, o cheiro dos perfumes, o encanto da elegância e o brilho das suas ruas e ruelas, talhada ao longo de muitos séculos, por onde passaram e passam muitas vidas, com sonhos maiores e menores daqueles levados adiante por Heidy, mas a mente e o coração nutrem muitas idas e vindas, para rever suas irmãs, seus sobrinhos e vistoriar seus bens, numa forma de assegurar o bem-estar de todas.

Kira

Kira é natural de Belém do Pará, expulsa de casa ainda muito jovem, com menos de 14 anos de idade saiu pelo mundo em busca de sua sobrevivência.

Viveu em vários estados do Brasil, em casa de cafetinas ou dividindo espaços com outras trans, é sem dúvida também uma sobrevivente. Ela costuma dizer que o estado de Sergipe e a cidade de Aracaju a acolheu, já reside aqui há muitos anos, foi presidente da Unidas, fez diversos trabalhos voluntários de prevenção e apoio as trans. É costureira e fez curso de corte e costura que a ajuda hoje em sua sobrevivência.

As trans são uma parcela da população que vivem em exclusão, foram poucas as conquistas e a custo de muita luta de anos, elas sentem isso pois em qualquer parte desse imenso país o vocabulário é o mesmo, elas se reconhecem umas às outras sem que haja uma apresentação formal, pois a grande maioria sabe a dor da outra.



Oficina Salão de Beleza - Foto: Acervo Unidas, 2022.

Ravenna

Ravenna, morena, charmosa, conhecida no bairro onde sempre viveu, ganhou o nome de Ravenna, de estatura mediana, corpo harmônico e fala mansa, viajou muito para outros estados, principalmente para a cidade de Belo Horizonte.

É casada e tem um companheiro sempre presente, desde que retornou de Belo Horizonte para cuidar dos pais idosos e acamados.

O pai faleceu aos 90 anos e a mãe vive acamada sendo cuidada por ela que enfrenta preconceito dos irmãos, que ameaçam agredi-la fisicamente.

Ravenna adoeceu, teve sérios problemas de nervos pelas pressões sofridas e maus-tratos por parte dos irmãos e apesar de tudo não desiste de cuidar de sua mãe.

Agatha

Agatha chegou às ruas ainda uma garota, por volta de seus 14 anos de idade. Hoje, aos 34 anos de idade, vivendo na Bélgica, relembra quando “caiu” na Ivo do Prado, há 20 anos atrás.

Ao completar 18 anos viajou para Belo Horizonte e fez aquele circuito comum à maioria das travestis, ou seja, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Salvador e Brasília, por serem as capitais mais visitadas.

Em Belo Horizonte colocou silicone industrial nas mamas e o líquido migrou ameaçando os pulmões, passou vários dias hospitalizada, sobreviveu e voou para a Itália, lá vivendo por muitos anos. Comprou imóveis e retornou para a família.

Participou diversas vezes de encontros de pessoas trans. É uma militante nata da causa.

Tentou diversas vezes o mercado formal de trabalho, mas nada conseguiu, sua mãe faleceu, ela entrou num processo depressivo e foi gradativamente se desfazendo de seus bens materiais e voltou à Ivo do Prado.

Em 2019, ela resolveu retornar a Europa, na Bélgica, enfrentando novos desafios, aprendendo uma nova língua, em áudio tem me dito que vem enfrentando as adversidades dessa nova experiência, mas não desiste nunca de buscar uma vida melhor.

Jadeh

O mundo das travestis é também povoado por pessoas ávidas por ajudá-las ao chegarem do interior, em alguns casos o percurso da relação desses bens feitores coincide com relatos de exploração doméstica ou sexual, a exemplo de Jadeh.

O benfeitor de Jadeh a explorou por muito tempo, como também o fez a várias travestis, por algum tempo foi considerado como o terror da noite.

Nessa época, durante as sextas-feiras e sábados, dias de maior movimento, havia em torno de 35 travestis em várias esquinas pelo centro de Aracaju. As classes média e alta haviam se deslocado para a 13 de Julho e Atalaia, as ruas do Centro iam se desertificando, com a adaptação das antigas residências em clínicas, escritórios ou mesmo comércio.

O contato com as travestis se intensificava através da distribuição de preservativos, entre uma conversa e outra novas integrantes eram apresentadas, com voz suave, aos poucos sabia-se um pouco de suas histórias.

O ambiente notívago se fez como sala de estar para a chegada e partida de tantas, entre Recife, Maceió, Aracaju, Belo Horizonte e São Paulo.

Patrícia não seguiu o mesmo script. O encontro ocorreu quando descia uma das ladeiras mais altas da cidade sustentando sozinha uma geladeira. Fiquei impressionada com a força e a determinação, anos depois ao residir fora do país externou ser um dos objetivos ajudar sobrinhos e irmãos. Mais tarde soube de ter colocado os sobrinhos em colégio particular e comprado um apartamento.

Eliana Chagas tece o seguinte comentário:

Eu já ouvi de várias travestis que para conseguir as coisas na Europa tem que ter objetivo, foco, e isso não é fácil, como pude presenciar *in loco*. A vida lá é muito difícil, como elas mesmas dizem tem de puxar mala de trem em trem, de cidade em cidade, colocar anúncios etc.

A prática do trottoir, famosa em outras décadas, perdeu espaço para o mundo da internet, da era digital, dos aplicativos e sites. A prostituição na rua ainda acontece e nos grandes centros com uma frequência maior, até porque ainda é a calçada que autoriza a travesti a alçar voos mais longos, a acreditar que seu “truque” deu certo. Ao parar o carro e ser autorizada

a entrar no início dessa atividade, isto tem um significado importante. A chegada do mundo virtual neste universo também contribuiu para dispensar as proteções de cafetinas e cafetões.

Hoje, nos debates sobre a falta de oportunidades das travestis e transexuais no mercado de trabalho, reconheço que vivemos tempos mais tenebrosos, que o caminho para a prostituição era o que se apresentava como alternativa, principalmente para aquelas que eram expulsas de suas casas, do seio familiar, a quem acreditava ser responsável por proteger. E foi nessa condição de profissionais do sexo que eu conheci as travestis.

Eliana Chagas também relembra que:

Fui fazer uma pesquisa na rua e constatei que o acesso aos preservativos não era tão simples, por várias razões. Exigia fazer uma ficha, documento e identidade. A maioria naquela época possuía documentos, ou simplesmente haviam perdido por situações as mais diversas, a exemplo de corridas para se esconder da polícia, de clientes violentos, de assaltos, entre outros, assim seguiam a vida sem documentos, sem a carteira de reservista, consequentemente sem CPF e título de eleitor. Sair de casa durante o dia para ir a um local onde eram disponibilizadas as camisinhas não era uma tarefa fácil. A rotina delas era da seguinte forma: acordar por volta das 14h, fazer almoço coletivo e depois começar o processo de maquiagem para o trabalho na rua. Raramente as travestis saíam de casa durante o dia. As compras ficavam sempre por conta de companheiros, amigos e amigas. Ou alguém que recebia uma gratificação por fazer esses favores.

Essa situação começou a mudar quando foi estabelecido o contato com o médico proctologista que atendia toda sexta-feira quatro travestis no Hospital Universitário. Lembro-me de um comentário feito por uma delas a respeito de como as ruas do centro da cidade eram diferentes durante o dia, assim Eliana Chagas completa:

Menina! Nem imaginava como era esta rua com as portas abertas. Tudo tão diferente. Nem parece os nossos corredores, as pessoas são todas diferentes. Tem homens, mulheres, crianças e até vendedores com bijuteria nas paredes das lojas, agora entendo a importância de tantos pregos.

Sair de casa era se expor, correr riscos de ser maltratada, vaiada. À noite quem hostilizava durante o dia tinha muitas vezes outro comportamento, tratava elas como deusas.

Em 1998, não se falava em nome social, Dr. Mário Vidal pedia que colocasse no prontuário o nome que elas escolheram para serem chamadas. E havia uma resistência na maioria das vezes dos funcionários. Esse trabalho durou muito e chegamos a abrir mais de 100 prontuários. Além das consultas, tínhamos palestras para a orientação do uso de preservativos, gel lubrificante etc.



Dr. Mário Vidal - Foto: Acervo Unidas, 2022.

Mas nem tudo eram flores, sofremos preconceitos por parte dos usuários dos serviços de saúde. No Hospital Universitário, além de uma agressão verbal e física fomos levadas a delegacia. O policial disse que “não se tratava de preconceito, mas que elas tinham uma

língua solta”, eu de imediato pedi desculpas e disse: “o preconceito na maioria das vezes só acontece durante o dia e nunca à noite”. O que aconteceu é que o homem que agrediu uma das meninas se sentiu ofendido por ela ter entrado no banheiro. Hoje, ao relatar esse episódio me recordo o que diz Paul Beatriz Preciado (2019)¹⁷:

Os banheiros públicos, por exemplo, instituições burguesas espalhadas pelas cidades europeias a partir do século 19, foram inicialmente pensados como espaços de gestão do lixo corporal nas cidades e converteram-se, progressivamente, em locais de policiamento de gênero. Não é por acaso que a nova disciplina fecal imposta pela emergente burguesia no fim do século 19 seja contemporânea do estabelecimento de novos códigos conjugais e domésticos, que exigem a redefinição espacial dos gêneros e que serão cúmplices da normalização da heterossexualidade e da patologização da homossexualidade. No século 20, os banheiros viraram autênticas cédulas públicas de inspeção, nas quais se avalia a adequação de cada corpo com os códigos vigentes de masculinidade e feminilidade.

Na porta de cada banheiro há um único sinal, uma interpelação de gênero: masculino ou feminino, damas ou cavalheiros, chapéu masculino ou chapéu feminino, bigode ou florzinha, como se a ação de entrar no banheiro fosse mais para refazer o gênero do que para se desfazer da urina e da merda. Ninguém nos pergunta se vamos cagar ou mijar, se temos ou não diarreia, ninguém se interessa pela cor nem pelo tamanho da merda. O único que importa é o GÊNERO.

Eliana Chagas relembra que foram encaminhadas para a delegacia juntamente com o agressor ou vítima, esse julgamento fica a critério do olhar de cada um dos presentes, além de afirmar que existem várias outras histórias sobre o uso do banheiro.

17 Paul Beatriz Preciado é ativista transgênero e escritor. Escreveu *Manifesto Contrassexual*, *Testo Yonqui*, *Pornotopia* e *Terror Anal*, assumindo assim uma posição de destaque nos discursos sobre corpo, gênero e sexualidade.

A história de Priscila, funcionária pública, que durante muito tempo teve problemas para ser respeitada e ter direito ao uso do banheiro feminino na empresa que trabalha e a resistência por parte do público feminino.

Mas o controle feminino nesta empresa não estava só ao uso do banheiro, ou seja, havia também para coibir a participação da trans nos eventos que reuniam as mulheres a exemplos de comemoração ao dia da mulher. Ela foi solicitada a se retirar do espaço onde as comemorações estavam acontecendo pois o seu gênero ali não era respeitado.

Eliana Chagas também lembra ter ouvido muitos questionamentos a respeito do direito das travestis estarem aguardando consultas médicas. Percebia o quanto as suas presenças incomodavam. Mas, acostumadas a lidar com rejeição, elas não desistiram e a cada dia iam se acostumando com a vida diurna.

Pietra

Estilista, talentosa e linda! Nariz empinado e inteligente, sempre foi querida por gays e trans, nascida de uma mãe amorosa, mas muito religiosa, saiu de casa muito cedo, não deu continuidade aos estudos, trabalhou em lojas de tecidos desenhando modelos de roupas femininas, não deixando de vivenciar a prostituição no centro de nossa cidade.

Viajou para outras capitais, apesar de mais de uma década viver na Itália, Eliana Chagas diz:

Visitei duas vezes sua casa em Bergamo-Itália, passamos réveillon juntas, passeamos pela neve e, mesmo com todas as dificuldades que já vivenciou em outro país, Pietra não perdeu seu glamour, continua educada, inteligente, amorosa e, evidente, por dentro da moda, afinal ela vive a poucos quilômetros da capital da moda no mundo — Milão, ou Milano como ela se refere.

A Pietra, a estilista das lojas de tecido do Centro de Aracaju, sempre disposta a atender as clientes com seus riscos, a oferecer uma ideia de um corte, de um modelito mais apropriado às curvas e silhuetas de suas clientes, é a prova do quanto a sociedade ainda precisa avançar para assegurar oportunidades de trabalho e renda no mercado formal a travestis e transexuais.

Dalida

Em 1998, Aracaju perdia o cabeleireiro e carnavalesco Lisboa, famoso pelo baile das atrizes. A sua partida enlutou a cidade, naquela atmosfera nauseante de dor e preconceito Eliana Chagas conheceu Dalida. Um tempo de muitas angústias, de encontros e desencontros, sequer imaginava em ajudar na fundação da Unidas, a atividade mais próxima era as idas e vindas com pacientes ao GAPA e aos médicos no antigo Inamps da rua Bahia, mais tarde transformado em ambulatório de HIV/aids e Hepatites Virais.

Eliana Chagas lembra do olhar firme, o movimento com o corpo, negro e esguio, davam o tom da personalidade forte, do caráter por trás de uma máscara trabalhada com muita luta, numa sociedade marcadamente preconceituosa e resistente às novas identidades, especialmente de uma travesti.

Um barraco, na invasão do Coqueiral, Zona Norte de Aracaju, servia de refúgio e paz para seu corpo e espírito, nas proximidades também morava sua mãe e irmãos.

Dalida liderava a todos na localidade onde residia. Era ouvida e era também responsável para dá um conforto a sua genitora, castigada pela carência de toda ordem, viu a filha soltar suas asas pela cidade em busca de alimentos e alguns trocados, dessas andanças terminaria interna da Fundação de Bem-Estar do Menor (Febem), devido à prática de pequenos furtos e envolvimento com drogas.

O tempo nas ruas e na Febem ajudaram a criar parte da fortaleza da personalidade de Dalida, especialmente na capacidade de observar nos vocábulos escolhidos com sutilezas para sintetizar cenas e apontar sua opinião.

O histórico progresso impunha certa rejeição no mundo das travestis, por isso, quando pedia um regalo (presente, agrado) ou fazia um convite era correspondida. Mas estaria aí o medo, o respeito, ou a forma de inclui-la no ambiente das travestis? O olhar mais atento descobria o fato de Dalida desejar ser uma travesti conhecida e respeitada.

O fruto de suas andanças, seus esforços tinham um destino certo, a sua sobrevivência e a ajuda dispensada a seus irmãos e sobrinhos, desse gesto conseguia um pouco de respeito da família.

Nas festas promovidas pela Unidas, a exemplo de confraternizações, festa junina, natal etc. Dalida fazia shows e queria a atenção de todas. Num réveillon da Instituição, em sua fala deixou um recado: “Travesti tem que ter atitude”. Realmente, sustentar sua história, seus medos, suas batalhas, precisava ter muita atitude.

É sabido do fato de Dalida ter causado medo muitas vezes nas outras travestis, apesar desse seu lado mais icônico, mas inúmeras vezes foi “mãe” de muitas, cuidou, deu um teto, defendeu na rua, mas cobrou reconhecimento, isso mesmo, reconhecimento era necessário, necessitava seguir vivendo, e teve sim por parte de seus familiares que sentiram falta de sua presença forte, de minha parte sinto saudades dela, as lembranças são diversas. As festas da Unidas, as participações no Pré-Caju, o amor e o respeito que ela tinha por todas nós.

Eliana Chagas afirma guardar a doce lembrança de sua última homenagem a Unidas no Bloco da Prevenção, em um dos últimos anos que ela participou.



Bloco da Prevenção no Pré-Caju - Foto: Acervo Unidas, 2022.

Deste momento em diante, Dalida enfrentaria um calvário pessoal com uma infecção causada pelo silicone colocado nas nádegas, sua partida entristeceu a todas, mas seu olhar firme, suas atitudes e coragem para enfrentar o mundo ainda é uma marca viva no interior da Unidas.

Julieth

Se tem uma coisa a ser admirada em uma travesti é a sua capacidade de fazer escolhas e tomar suas decisões, pois elas podem até se arrependerem um dia, mas sustentam o seu desejo, Dalida sempre dizia que toda “bicha tem que ter atitude”, pois bem, Julieth realizou o sonho de muitas trans ao ir à Europa e com o seu próprio dinheiro.

Na Europa, conheceu algumas cidades da Espanha, percebeu a educação do povo, a organização das cidades, limpeza, segurança etc., mas decidiu vir embora, achou que sacrifícios necessários ao seu ofício não valeria a pena fazer e retornou alguns meses depois.

Será que sempre ter tido o apoio da mãe pesou na decisão?

Já ter trabalhado em algumas empresas fez com que seu olhar não ficasse preso apenas à possibilidade de ganhar dinheiro com a prostituição e, assim, retornou e não se preocupou com os comentários, mas com certeza optou em não se submeter às exigências do ofício.

Comentou com Eliana Chagas o fato de: “ganhar o dinheiro, comprar o bilhete e voada” e, “Outro dia me ligou: Mãe, a senhora aceita ser minha madrinha? Vou me batizar. Êta mona de atitude!”.

A decorative background featuring a central cluster of overlapping, colorful swirls in shades of purple, yellow, orange, blue, and green, creating a floral or sunburst-like pattern.

PARTE III

A UNIDAS

A gênese da Unidas

Sempre que alguém de jornal ou de faculdade a procura para entrevista, aparece a pergunta: “como a senhora conseguiu se aproximar delas?”, e Eliana Chagas sempre começa a relatar como tudo começou, ou seja, o fato de ter ido à rua levada por Luciana Lins, pois queria pesquisar sobre o nível de informação que as travestis tinham sobre as IST’s, ao longo dessa incursão foi possível perceber um grau elevado de desinformação sobre as doenças sexualmente transmissíveis, bem como a dificuldade para ter acesso ao preservativo, além disso as unidades básicas de saúde em Aracaju eram muito precárias.

O campo não iria mais sair da sua rotina de contato com as travestis, assim, passou a entregar preservativos, semanalmente, apesar de não descer do carro.

Tempos depois, passou a descer do carro e conversar com elas. E aí suas demandas apareceram, a exemplo de consultas médicas, documentos civis, segurança pública, entre outros.

E quando fizeram a primeira reunião no centro da cidade, o primeiro tema a ser solicitado para uma palestra foi sobre a segurança pública. Protocolaram uma solicitação para que um representante da Secretaria de Segurança Pública participasse da reunião.

A incursão rendeu uma resposta, com a informação acerca do envio de uma psicóloga.

O indicativo de envio de uma psicóloga não foi entendido, dias depois estava sendo fundada a UNIDAS – Associação de Travestis Unidas na Luta pela Cidadania.

A institucionalização da entidade permitiu a elaboração do primeiro projeto direcionado às travestis de Aracaju, com a ajuda de Keila Simpson e do Grupo Gay da Bahia (GGB), para melhor desenvolver as ações a decisão foi por alugar uma casa no bairro Siqueira Campos e só saíram de lá 7 anos depois para uma sede própria, depois de ganhar um prêmio da Fundação Bill Gates.

As “batalhas” da Unidas: a difícil construção de pontes para a cidadania

Hoje já existe o Programa de Saúde para a População LGBTI+ do governo federal, criado durante o governo Dilma. Mas, em 1998, as travestis que viviam em Aracaju não tinham acesso às unidades básicas de saúde e tampouco às especialidades médicas.

A Unidas surgiu nesta época, no primeiro ano Eliana Chagas passou acompanhando as travestis a consultas e exames médicos e em sua concepção:

É inegável o quanto o apoio de Dr. Mário Vidal traduz em efetividade de ações de saúde, especialmente quando se compreende o alcance da disponibilização de quatro consultas semanais no Ambulatório de Proctologia no HU, além disso, foram realizadas várias cirurgias, palestras educativas, orientação quanto à alimentação, higiene e o cuidado com o uso de produtos que prejudicam o funcionamento do intestino, além de encaminhamentos a outras especialidades, então, o cuidado com a saúde das travestis começou já em 1998 e, em 1999, a UNIDAS comprou sachês de gel lubrificante a base de água para serem distribuídos com toda a população de travestis de nosso estado.

O uso do gel lubrificante minimiza as afecções proctológicas. Nos primeiros anos eu passava em suas casas às 7h das manhã, todas as sextas-feiras, e íamos ao Ambulatório do HU, agendava os exames e acompanhava os mesmos, é importante observar o fato de esse horário das consultas ter mudado para as 13h agora no Cemar Augusto Franco, devido à disponibilidade do serviço na rede de saúde, assim íamos acompanhando o Dr. Mário Vidal, ou seja, sempre nos locais onde estava trabalhando, assim, até nos dias atuais o reconhecimento do seu trabalho por parte das meninas é imenso. Ele realizou mais de cem cirurgias proctológicas nos hospitais HU, São José e São Domingos Sávio (Atual Gabriel

Soares). As cirurgias eram sempre realizadas às sextas-feiras, eu as acompanhava e no final da tarde ia buscá-las de alta e as levava para suas casas já com a medicação prescrita e despachada com a ajuda do GAPA e do Dr. Almir Santana.

Nos orgulhamos de dizer que participamos ativamente da implantação do Ambulatório Trans no Campus Saúde de Lagarto, mas que também iniciamos há duas décadas o cuidado com a saúde das travestis.



Jéssica Taylor, Darci, Eliana Chagas, Mônica Rocha, Katia Aragão e Andrey Roosewelt - Foto: Acervo da Unidas, 2014.

A luta pela implantação do ambulatório trans começou a ser discutida no Comitê de Equidade da Secretaria Estadual de Saúde, com a assistente social Katia Aragão, ela que também colaborou com a fundação da Unidas. Com a mudança de secretário da Saúde, o Comitê não teve o mesmo apoio. Nós da Unidas resolvemos realizar um Seminário em 2015 com o apoio de Andrey Lemos, do Ministério da Saúde, e convidamos representantes das Secretarias Estadual e Municipal de Saúde, movimentos sociais representante do ambulatório trans da UFPE, dra. Luciana Fon-

tes Vieira e a prof. dra. Fatima Lima, da UFRJ. Desse seminário resultou uma comissão para elaborar a proposta para a implantação do ambulatório trans, assim, ficou à frente Amosertrans, Unidas e vários colaboradores.

Em 2015, Amosertrans organizou as comemorações do Dia da Visibilidade Trans e levou toda a discussão para a implantação do ambulatório, o Departamento de Fonoaudiologia da UFS se interessou pela proposta e com muita garra e persistência, até hoje contando com vários colaboradores e voluntários, o ambulatório já se tornou uma realidade, no Campus Saúde da Universidade Federal de Sergipe na cidade de Lagarto, a 70 km de Aracaju.

O trabalho da Unidas sempre foi voltado para os direitos das travestis e sua saúde. Participamos de vários eventos nacionais, estaduais e regionais, apresentando pesquisas voltadas para a saúde e direitos humanos das travestis.

Foram realizados eventos de suma importância para a visibilidade das travestis. O primeiro evento realizado pela Unidas foi o I Fórum de Sexualidade e Cidadania – Travesti: “Um Outro Olhar, Outro Ver”, realizado nos dias de 18 a 20 de julho de 2001. Tivemos convidados importantes: professor Edvaldo Souza Couto (UFBA), autor do livro *Transexualidade*, que proferiu conferência com o tema: “Ambiguidade no exercício da sexualidade”. Professor Hélio Silva (PUC/RS), com o tema: Construção da Identidade Travesti, autor dos livros *Travesti a Invenção do Feminino*, *Certas Cariocas* e outros. Maitê Schneider (PR), Janaina Dutra (CE), Michele Claudia (ATRAS/BA), Liza Minelli (Grupo Esperança/PR), Cris de Madri (AL) debateram os temas Travestis, Transexuais, Transgênero e Cidadania, Mercado de Trabalho para Travestis e Transgêneros. O tema “Corpo travestido: Novos corpos, novos significados” coube à professora Neuza Maria de Oliveira (UFBA), autora do livro *Damas de Paus*. Contamos com a colaboração da professora dra. Maria de Fatima Lima Santos, professora dra. Clarissa Carvalho, assistente social Katia Aragão, enf. Monica Rocha e assistente social Clara Smith.



Hélio Silva, Fátima Lima - Foto: Acervo Pessoal

Eliana Chagas tece o seguinte comentário sobre os eventos:

Esse evento sem dúvidas foi um sucesso, não tivemos um público numeroso, mas até fazer o seminário acontecer passamos por muitas dificuldades, principalmente para conseguir um espaço para realizarmos o evento, fomos a diversos espaços públicos e privados e recebíamos sempre uma desculpa, um não. E aí o professor Kenedy ficou sensibilizado com nossa causa e nos ajudou a conseguir o auditório da Escola Técnica Federal de Sergipe, em 2001, trouxemos a então Desembargadora do Rio Grande do Sul, Maria Berenice Dias. Recebemos o apoio da OAB, IBDFAM, e realizamos o Fórum de Direitos Humanos no Auditório da Secretaria do Estado de Inclusão Social.

O relato de Eliana Chagas é rico em sentido e instrumentaliza a leitura acerca das estratégias de construção da solidariedade. É inegável o quanto o resultado propiciado pelas ações da Unidas emponderou as travestis e serviu de suporte para a melhoria dos serviços prestados pela cidade, além de servir de fomento a novas

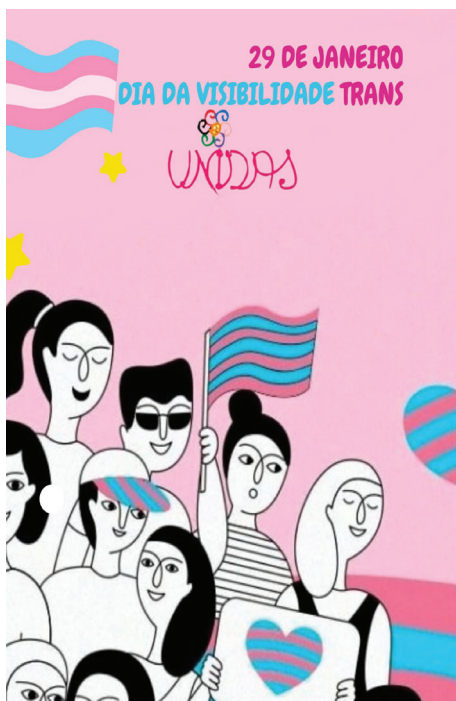
instituições e ações, extrapolando as pautas LGBT, quando se observa, por exemplo, o apoio incondicional à luta contra a AIDS.



Da esquerda para a direita: Laiza Minelli, Presidenta do Grupo Esperança de Curitiba (PR), e Luciana Lins, Presidenta da Unidas.

Foto: Acervo Unidas, 2022.

A Unidas se fortaleceu nas parcerias estabelecidas com outras lideranças nacionais de travestis, a exemplo de Laiza Minelli, presidenta do Grupo Esperança, com sede em Curitiba, capital paranaense.



Cartaz do Dia da Visibilidade Trans, em 29 de janeiro de 2018.

Imagem: Acervo Unidas, 2018.

Unidas: afirmação e cidadania

Os encontros semanais na coordenação de IST/DST de Sergipe, inicialmente no anexo da Secretaria de Estado da Saúde, na praça General Valadão, às tardes, quando o fluxo de pessoas era menor, devido ao expediente interno, os encontros na “pista” (rua) e, mais tarde na sede da Unidas, na rua Amazonas, nº 83, foram dando forma a Unidas, enquanto espaço de afirmação e cidadania.

Em pouco tempo, a Unidas havia se tornado o espaço de convivência, de busca por apoio, de reclamações, de luta por saúde e direitos. Assim, as tardes iniciavam com a chegada delas, algumas

com as amigas, outras de táxi, algumas a pé, mas às 16h a reunião estava iniciada, e sempre terminava com uma comemoração, a qual não se podia faltar os shows, enquanto parte do close.

Nesses encontros estava dada as condições para se pensar em estratégias de defesa, encaminhamento médico, aquisição de medicamentos, socorro a alguma travesti em situação de indigência, ou mesmo recepcionar novas travestis recém-chegadas a Aracaju ou de passagem na chegada ou retorno à Europa.

Ali, numa casa simples, entremeada por um cotidiano de classe média baixa de Aracaju, com feira livre uma vez por semana, atrás de um ponto de prostituição — a Leste Brasileira —, terminava sendo também a referência quanto ao acolhimento às demandas mais singulares das travestis, sem essa estrutura muitos problemas teriam ido parar nas varas criminais, nos hospitais, cemitérios, e isso demonstra o quão é importante espaços de cidadania.

Não raro, mas persistente, eram as idas às delegacias, hospitais, Ministério Público, advogados amigos, em busca de apoio para as travestis, assim, a luta se travava antes de tudo no reconhecimento da humanidade de cada uma, do direito em serem cidadãs, apesar de possuírem poucos meios para abarcar as oportunidades dada pela sociedade na estrutura formal de trabalho, mesmo porque estamos falando da década de 1990, recém saídos de mais de uma década de crise econômica, com mudanças significativas no mundo do trabalho e a maioria das travestis eram analfabetas ou semialfabetizadas, com problemas de alcoolismo, algumas viciadas em outras drogas, marcadas pelo estigma da prostituição e da marginalidade terminavam impedidas de até sonhar com tal possibilidade.

O perfil das travestis sempre esteve em pauta na Unidas, por isso, desde o início houve uma preocupação com a geração de trabalho e renda, qualificação para o mercado de trabalho (oferta de curso de cabeleireira), oficinas de beleza (maquiagem), incentivo ao empreendedorismo, apesar de haver barreiras para o diálogo com órgãos oficiais e de classe para se pensar caminhos para o

enfrentamento da exclusão e da desigualdade social, as quais as travestis sempre estiveram emersas, como indivíduos invisíveis.

Essa invisibilidade às vezes era quebrada, justamente por serem travestis ou doentes de aids. Isso se materializou algumas vezes no momento de levá-las ao cemitério, em uma ocasião o caixão foi deixado na porta do Cemitério São João Batista, Eliana Chagas e Clara Smith tiveram que conduzi-lo até uma gaveta, pois os coveiros se negavam a pegar na alça do caixão, a solução encontrada foi ligar para amigos e pagar a algumas pessoas ali nas proximidades para carregar o corpo até sua morada final, com um pouco de dignidade.



Oficina de Autoestima, Unidas 2001 - Foto: Acervo Unidas, 2022.

A decorative background featuring a central cluster of overlapping, colorful swirls in shades of purple, yellow, orange, blue, and green, creating a floral or sunburst-like pattern.

PARTE IV

OS DILEMAS

O silicone e a feitura do corpo

Em 2000, Eliana Chagas elaborou uma cartilha para a redução de danos para o uso do silicone líquido, enquanto produto de uma incursão a campo¹⁸.

O silicone se tornou notícia nos jornais por terem ido à óbito várias pessoas (mulheres e travestis) e por ser utilizado por mulheres para aumentar o volume da mama ou nádegas. Nos Estados Unidos foi uma verdadeira febre.

Estudiosos sobre esse artifício disseram que ele causa doenças imunológicas ligadas ao conectivo do tipo reumáticas. Seu implante nos Estados Unidos foi proibido.

Deve-se observar a existência de vários tipos de silicone, desde o médico até o industrial, assim, o produto líquido é uma substância pastosa semelhante a um gel, e mais acessível financeiramente, assim, tanto esse quanto o silicone médico podem gerar reações tóxicas e alérgicas a ponto de comprometer a saúde, por isso, informações prestadas por travestis “bombadeiras”, o silicone líquido pode ser adquirido em grandes centros urbanos, como São Paulo, Belo Horizonte e Salvador, nos frascos não existe referência ao fabricante.

A ausência de indicação do fabricante, ou especificações de risco no rótulo não inibiria a prática de uso ilegal, mesmo porque há desinteresse do Estado em fazer o controle e preservar vidas, especialmente quando se trata de travestis, enquanto o silicone usado para cirurgias plásticas vem dentro das próteses. As fábricas que vendem esse produto no Brasil são a IMED (francesa) e a SILIMED (americana), mas com a morte de mulheres pelo uso do silicone líquido veio à tona uma prática comum das travestis. Esse assunto era pouco divulgado. Muitas travestis morreram por infecções causadas pela aplicação e pelo uso do silicone líquido.

18 O Grupo Gay da Bahia também produziu uma cartilha sobre os riscos do uso do silicone industrial.

No Jornal da Cidade, em 26 de maio de 2002, travestis concederam entrevistas e se permitiram deixar fotografar colocando silicone, assim revelaram o ritual da aplicação em corpos humanos.

A Unidas confeccionou folders informativos, alertando para a redução de danos, após duas travestis permanecerem internadas por 50 dias no Hospital de Urgência de Sergipe Gov. João Alves Filho, tratando de infecções causadas pelo silicone, segundo informações das próprias travestis este silicone continha impurezas e estava misturado com outros produtos.

Na ocasião, Eliana Chagas realizou também uma pesquisa com o objetivo de compreender os motivos reais que levam as travestis a aplicarem o silicone líquido, em suas palavras:

Em artigos, livros e pesquisas acadêmicas é dito por alguns que a transformação do corpo da travesti se faz para atender a prática da prostituição. Em nossa experiência com as travestis vimos que o desejo de transformar o corpo supera o de ganhar dinheiro. Elas anseiam ficar “mais feminina”, “mais mulher”, “dar o truque”. São inúmeras as travestis que possuem silicone e não são profissionais do sexo. Esse desejo de modelar o corpo é, sem dúvida, algo que vem do interior de cada uma e que as impede de evitar essa prática e as leva a correr riscos.

Ao final da pesquisa constatamos que 22 entrevistadas já possuíam silicone no corpo e 28 ainda não. Das 22 entrevistadas com silicone, uma tinha apenas 7 dias que tinha feito a aplicação de silicone, 21 já possuíam o líquido (óleo) entre 1 e 12 anos. E algumas chegaram a colocar 10 litros do silicone, porém a maioria está entre 2 e 3,5 litros. As travestis entrevistadas estavam na faixa etária de 15 a 53 de idade. Sendo que a maioria tem entre 21 e 34 anos. Constatamos que a aplicação do silicone desperta o desejo naquelas que ainda não fizeram uso dele e aumenta nas que já fizeram uso, na busca de alcançar o corpo ideal, perfeito. Esse desejo extrapola todos os riscos decorrentes

da aplicação. Ficou evidenciado na pesquisa que não é a falta de esclarecimento que faz com que essa prática se torne cada vez mais frequente na população de travestis. Portanto, se faz necessário um trabalho constante de redução de danos.

Importa aqui reconhecer o quanto a Unidas sempre esteve atenta a discutir temas delicados e importantes para a saúde das travestis, a exemplo do uso do silicone líquido, em nenhum momento atuou no sentido de julgar, ao contrário, ofertou a possibilidade da conscientização e adoção de práticas seguras de preservação da vida.



Da esquerda para a direita: Rita Kadilack, Lana Barbosa e Luciana Lins.

Fonte: Acervo Unidas, 2022.

As discussões de temas delicados sempre estiveram presentes em encontros descontraídos e informais, mas ricos de ensinamentos e trocas de afetos.

Europa: sonhos e desalentos

O sonho em se tornar uma “europeia” era quase de todas, mas o meio para conseguir seus objetivos passava pela viagem tão sonhada, conhecida também como o “voo da beleza”. Quantas brasileiras ainda lá estão! Muitas e muitas sergipanas também. Em Zirgonia existia uma rua só de trans de Sergipe.

A viagem seria viabilizada depois de muitas “batalhas”, sacrifícios e, para algumas, deveria se sujeitar ao preço cobrado pelas mais idosas, agora ávidas por criar as condições de ida e permanência, entretanto, o preço era alto a ser pago, com supervisão constante até o pagamento estipulado antes da saída do Brasil, somente depois estaria livre para encontrar as condições mais adequadas para sobreviver, novamente através da prostituição.

A véspera da viagem era marcada por relatos de “bicha rica”, pelo glamour daquelas que haviam retornado, com a ostentação de aquisição de carro, apartamento para a família, geralmente à mãe, enquanto regalo necessário para conquistar um afeto e respeito nunca demonstrado, o cheiro do perfume, as roupas importadas, os sapatos italianos, amplamente confortáveis — femininos na numeração 41, 42 —, enfim, estavam dadas as condições para largar a penúria das ruas de Aracaju e alçar voo em direção ao sucesso e à riqueza.

Mobilizadas pelo sonho da “terra prometida”, agora deveriam estar à altura do grande sonho. O primeiro passo era “fazer o corpo”, aprender algumas palavras em italiano, mesmo porque os clientes seriam italianos, reconhecer as notas do dinheiro local, informar o valor do programa e os serviços a serem prestados.

Os meses, em alguns casos anos, se passavam enquanto juntava-se dinheiro para a passagem, ou eram aceitas por uma “madrinha”, para abençoar sua ida à Europa.

Ir ou não à Europa não iria diminuir a exploração, a exposição à prostituição, aos riscos de estarem nas ruas, mesmo porque a sociedade e a família, em geral, não nutriam interesse em enxergar essas pessoas. Havia ali, apenas e tão somente, uma luta diária por sobreviver, a menor fagulha de esperança as conduzia a um projeto e, diga-se, arriscado, em busca de um sonho, de conseguir juntar dinheiro e romper com o ciclo de miséria e opressão.

Os riscos iam do aliciamento, da exploração por parte da cafetinagem de outra travesti, das autoridades das alfândegas na Europa, da violência nas ruas, do frio intenso no inverno europeu, nessas condições elas tinham somente umas às outras, quer para o bem ou mal.

É inegável a tristeza das deportadas, o quanto a dor, o grito mudo ressoava ao retornar às ruas brasileiras, para continuar a batalha, com os olhos cheios de lágrimas, enquanto corroía por dentro as mágoas de uma derrota.

Compor e recompor projetos de vida sempre foi o cerne da vida de uma travesti, nutrir-se de esperança a sua maior dádiva, em meio a um contexto social de negativa de direitos, de invisibilidade e marginalidade.

Pode-se até considerar as idas à Europa como ato adverso à ordem, mas sem essa estratégia muitas delas não teriam chegado aos 40, 50, 60 anos, ou mais.

Delegacias, Fóruns, Presídios: caminhos difíceis

Inúmeras vezes estivemos em delegacias. Elas eram detidas por vários motivos, pequenos furtos, brigas nas ruas etc. Na maioria das vezes a razão da prisão se dava por conta de conflito com o cliente pelo pagamento após o programa.

Após o programa, o cliente passava a discordar do preço do programa e resolvia reduzir, ao declinar do valor impunha o afloramento de um sentimento de estar sendo lesada, a ponta da trans buscar subtrair o valor acertado ou até mais do cliente. Esse inconformado procurava a polícia e dizia que fora assaltado por travestis quando estava parado no semáforo.

Atualmente, tenho ouvido relatos de Jessica sobre suas visitas ao presídio de São Cristóvão, o quanto a realidade tem sido alterada em relação ao tratamento dispensados às trans que lá vivem, especialmente em relação a Ala LGBT, não faz muito tempo o STF determinou que as trans fossem cumprir reclusão nos presídios femininos, eu penso que foram avanços significativos, e nos permite ter o sentimento de alívio em saber que apesar das poucas condições humanas hoje uma trans tem acesso a referida Ala que estão para saber de suas necessidades e junto com o Ministério Público possa reivindicar melhores condições dentro da prisão. Em outros tempos eu ia até lá, mas pouco podia ser feito. Lembro de uma trans que me pediu para que desse dinheiro a algum agente para que naquela semana comprasse para ela uma quentinha com churrasco pois seria dali a três dias o seu aniversário, depois eu soube por ela mesma quando saiu da prisão que nunca recebeu essa quentinha.

E hoje quando vemos representantes do movimento LGBT adentrarem ao presídio acompanhados de representantes da Comissão da Diversidade da OAB, com o apoio do Ministério Público, sentimos que não estamos tão só.

Jessica em sua última visita encontrou um cartaz feito em uma cartolina escrito assim: “Ala LGBT Janaina Dutra, presidente Jessica Taylor”.

Atualmente, as relações entre trans e o presídio tem sido revista nos últimos anos, especialmente em relação a adoção de alas LGBT, uso do nome social e manutenção do cabelo.

PARTE V

**OS PROJETOS DE INTERVENÇÃO,
CIDADANIA E AÇÕES
DE ASSISTÊNCIA**

Uma síntese das ações

O primeiro projeto de intervenção foi elaborado com orientações fornecidas pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), intitulado: “Travestis, cidadania e prevenção das DST/Aids”, em 2000.

Os recursos recebidos do Ministério da Saúde permitiram a aquisição de equipamentos de escritório, confecção de material de divulgação, aquisição de material de expediente e, assim, a instituição adquiria as condições mínimas para o seu funcionamento.

É inegável o quanto os recursos foram importantes, apesar de haver a necessidade de contrapartida, especialmente porque os gastos institucionais são sempre crescentes, nem sempre os itens elegíveis nas concorrências contempla todas as despesas, e o fato de ser uma instituição de travestis dificulta em muito a sensibilização de doações e patrocínios, enfim tínhamos sempre que injetar recursos para pagar despesas diversas, a exemplo do serviço de contabilidade, contas de água, energia e telefone, lanche para as reuniões etc.

A estruturação da sede da Unidas possibilitou a abertura para outras frentes de intervenção, por isso propusemos ao Ministério da Saúde o projeto “Parceiros da Noite”, enquanto ação de intervenção junto aos clientes das travestis e trabalhadores noturnos (vigilante, taxista, policiais), por compreendermos existir resistência quanto ao uso do preservativo, mesmo quando a travesti exigia o insumo, alguns clientes pediam para não usar e ofereciam um valor a mais pelo programa, então, agir preventivamente constituía uma atitude importante de enfrentamento das IST e HIV.

Soma-se ao rol das ações de cidadania os projetos de “Direitos Humanos e Assessoria Jurídica”, enquanto bálsamo para os cotidianos conflitos de diferentes ordens, afeitos a pessoas expostas a exclusão social, em sua forma mais intensa e perversa, a ponto de serem considerados abjetos, ou seja, negados em todos os senti-

dos enquanto humanos, muitas vezes os relatos eram revoltantes do tratamento dispensado nas audiências na Justiça, enquanto julgamento prévio, sem nenhum gesto de humanidade, em prol do restabelecimento de vínculo entre a marginalidade e a cidadania, mesmo assim persistíamos em encontrar argumentos para, ao menos, amenizar a força da lei, como último refúgio para um futuro em outras condições.

A assessoria jurídica e aconselhamento aos profissionais do sexo e aos portadores do vírus HIV/aids em situação de pobreza ocorreu com mais força entre 2001 e 2002.

É inegável o quanto se procurou construir estratégias de prevenção, agora com “Prevenção só para homens”, por compreender a necessidade de se chegar a todos os atores envolvidos no universo das trans e travestis, assim, recentemente concorremos para desenvolver o projeto “Na ponta da língua”, de testagem rápida com fluído oral, assim, podemos afirmar o quanto aprendemos com a nova dinâmica da epidemia de aids, mais especificamente como é importante rever posturas, atitudes e meios para acessar a população alvo, mas a última concorrência não obtivemos êxito para dar continuidade a ação, apesar de outra instituição sergi-pana ter sido habilitada, mas não chegou a desenvolver a ação, deixando a população descoberta, sem uma atividade importante de acesso aos serviços de saúde e sensibilização para o tratamento precoce em caso de HIV+.

A nossa experiência mostra que o movimento aids e LGBT precisa ser repensado, especialmente em relação às políticas de financiamento de suas ações, por ser ainda muito vulnerável a infecção pelas IST e HIV, ou mesmo a violência, tão recorrente e perene nestas comunidades.

Investimos nas pessoas ao ofertarmos cursos de artesanato e corte e costura, aí estava o sonho da Unidas de criar pontes para o mercado de trabalho, enquanto possibilidade para se construir laços sociais mais perenes com a geração de trabalho e renda, e

assim ir rompendo os estigmas, tão presentes nas vidas das travestis e transexuais, por isso, o projeto para sustentabilidade e geração de renda contemplava um ateliê de corte e costura, salão de beleza escola para travestis — corte, escova, manicure/pedicure e depilação.

Obtivemos êxito em um financiamento junto ao Ministério da Justiça para produção de um vídeo participativo e livro sobre o mercado de trabalho para travestis em Aracaju.

Realizamos também uma edição do Fórum Sergipano de Direitos Humanos, com um pequeno recurso do Cese – Coordenadoria Ecumênica de Sergipe.

É da Unidas também a realização de pesquisas, a exemplo de “Conhecer para intervir – Perfil das travestis trabalhadoras do sexo em Sergipe”, enquanto estratégia de mapear o público-alvo de nossas ações e verificar as vulnerabilidades em relação a saúde e cidadania, além disso, desenvolvemos também pesquisa sobre o uso de silicone líquido, em 2002.

É importante também observar a pujança da instituição com a realização de oficinas de sexo seguro, todas as tardes na sede da Unidas, além de encaminhamento e acompanhamento às consultas com especialistas, em unidades de saúde de Aracaju.

Um ato importante era os acompanhamentos ao Instituto de Identificação de Sergipe para obterem o Registro Geral (RG), o mais difícil era o alistamento militar, na avenida Augusto Maynard, devido aos comentários dos rapazes, assim foi acertado um horário depois das 11h e, posteriormente, passou-se a fazer na Barra dos Coqueiros.

Sem documentos, as travestis não votavam, pois não tinham título de eleitor.

Aos poucos a Unidas foi angariando reconhecimento e respeito na sociedade, a ponto de sermos chamadas a proferir uma fala no curso de Capacitação para Policiais Cíveis, em 2004, na Academia de Polícia Civil de Sergipe, enquanto postura

acertada quanto a necessidade de capacitar os policiais para atender com humanidade a população LGBT.

Uma conquista importante na Justiça foi a autorização para o casamento de Jessica, na 5ª Vara de Família, em 13 de setembro de 2004, sendo a primeira ação de reconhecimento de união de pessoas do mesmo sexo em Vara de Família em Sergipe, a decisão se deve ao empenho do Dr. João Alberto Oliveira, membro do IBDFAM – Instituto Brasileiro de Direito de Família.



Reunião de capacitação para o Projeto Clínica de Atenção a Violência Janaína Dutra, em 12 de julho de 2017, na sede da Unidas.

Imagem: Acervo Unidas, 2017.

E um dos últimos projetos foi a Clínica de Atenção à Violência Janaína Dutra.



A casa Janaína Dutra convida todos para a
II FEIJOADA DA SOLIDARIEDADE

ANIMAÇÃO COM O **DJ RAFA ARAGÃO**

UM MEGA BAZAR COM ROUPAS MARAVILHOSAS E PREÇO ACESSÍVEL

UM LINDO ESPETÁCULO DE DANÇA DO VENTRE PELA **BAILARINA HAYFFA MANZATO**

Onde? RUA VILA CRISTINA, 181, EDF. LEONARDO DA VINCI

07 DE JULHO DE 2018, A PARTIR DAS 12H00

Quando?

Quanto? BARATINHO, APENAS R\$20,00

Organização
Associação das Travestis UNIDAS pela cidadania.
Contato: (79) 98819.8664 ou 99890.0593

Reunião de capacitação para o Projeto Clínica de Atenção a Violência Janaína Dutra, em 12 de julho de 2017, na sede da Unidas.

Imagem: Acervo Unidas, 2017.

A Casa Janaína Dutra

Uma de nossas maiores conquistas foi a casa de apoio as pessoas vivendo com HIV/aids Janaína Dutra, depois de termos sido contempladas com o Prêmio Bill Gates, pelo reconhecimento da nossa luta contra a epidemia.

O nome da instituição é uma grata homenagem à primeira travesti advogada. Uma militante aguerrida do Grupo Asa Branca, de Fortaleza, no Ceará, de cabelos castanhos, com voz suave, olhar meigo e um coração generoso. Sua batalha não foi em vão, sua luta é uma inspiração e seus sonhos ainda ecoam entre nós, como uma inspiração para continuarmos lutando por cidadania.



Eliana Chagas, Luciana Lins (Presidenta da Unidas) e Eduardo Amorim (Secretário de Saúde de Sergipe).

Foto: Acervo Unidas, 2022.

O Prêmio nos deu fôlego para adquirirmos um imóvel em ruínas no bairro Luzia, zona nobre de Aracaju, e ali construirmos a Casa e a sede da Unidas.

O projeto arrojado deu a dimensão dos nossos sonhos e o desafio em manter uma entidade de assistência, filantrópica, mesmo assim marcada pelo preconceito e estigma da aids, enfim, sempre lidamos com as limitações para conseguir recursos devido a re-provação da sociedade em relação aos dois grupos por nós atendidos e defendidos.

Independente das mazelas as quais também somos conviventes, ousamos fazer parcerias e assim assumimos a distribuição das cestas básicas às pessoas vivendo com HIV/aids, adquiridas pela Secretaria de Estado da Assistência Social. Trabalho operacionalizado ao longo de mais de uma década.



Luciana Lins e Janaína Dutra - Foto: Acervo Unidas, 2022.

É também na Casa de Apoio o lugar de passagem de muita gente sofrida e marcada pelas idas e vindas ao médico na capital, onde encontram o amparo e as condições para pernoitar enquanto vão em busca de atendimento médico e remédios, sem esse suporte, estariam sujeitos a perderem consultas e prejudicarem o tratamento.

O Balcão de Direitos

É uma ação que está em execução desde 2001, em torno de cinco eixos básicos: 1) Organização de banco de dados sobre violência contra PVHA e população LGBT em Sergipe; 2) Mesas de debates; 3) Mesas de mediação de conflitos; 4) Oficinas e palestras; 5) Das parcerias; 6) Fórum de Sexualidade e Direitos Humanos.



Fórum de Direitos Humanos, 2003 - Foto: Acervo Unidas, 2022.

Por se tratar de um projeto de intervenção junto à população LGBT e pessoas vivendo com HIV/aids, foi sugerido que a Unidas fizesse o recorte de escolha das localidades a serem inicialmente capacitadas e a desenvolverem ações do Balcão de Direito nas cidades com Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), maior incidência de casos de aids ou de violência contra LGBT.

Pode-se compreender que as cidades onde possuem CTA são também aquelas com maior incidência de casos de aids, ou são cidades polos, o que facilita a difusão das informações para as localidades em seu entorno.

Nota-se, também, que em relação aos casos de violência o fenômeno, apesar de se estender para o interior, mantém-se com mais regularidade em Aracaju, Lagarto, Barra dos Coqueiros e Nossa Senhora do Socorro, municípios que receberam uma maior atenção do Balcão.



Da esquerda para a direita: Dr. Brito, Dr. Wellington Mangueira, Dr. João.
Foto: Acervo Unidas, 2022.

Compreendemos que a sensibilidade e o comprometimento afetivo são itens a serem considerados neste tipo de atividade. É do olhar atento e implicado que foi possível obter resultados mais próximos dos anseios da população LGBT e PVHA, desta postura aprendemos que todos os sujeitos envolvidos na construção e reconstrução desta proposta ainda estão aprendendo a manusear os instrumentos da ciência jurídica em prol da cidadania destes dois segmentos que ainda sofrem com o preconceito e a discriminação.

A Unidas demonstrou ao longo da execução do projeto um forte desejo de aperfeiçoar as suas rotinas, qualificar os seus membros e abrir o diálogo com outros segmentos da sociedade, apesar de outras lideranças procurarem diminuir a sua importância, com atitude descortês, especialmente na presença de terceiros e imprensa. Fatos lastimáveis para aqueles que deveriam estar unidos em prol da luta contra a epidemia de aids e a cidadania LGBT.

Sentimos falta também do representante do fórum de ONGs de aids de Sergipe nas mesas de debates, apesar do esforço em-

preendido em emendar convites, com bastante antecedência, ou ainda na divulgação feita através da imprensa.

Devemos agradecer a atenção, o carinho e a dedicação de Cláudia Andrade e Edna Lima, do Centro de Combate à Homofobia, pelo acolhimento e construção das ações, sem elas muito do brilho e das conquistas deste projeto seriam menores. É graças a elas que muitos gays, lésbicas e travestis do interior tiveram conhecimento da nossa existência e foi através do CCH que muitos casos tiveram o pronto atendimento, encaminhamento e acompanhamento.

Em 2009, era preciso ampliar as pontes que uniram as instituições e pessoas, para fortalecer ainda mais o movimento LGBT em Sergipe, para a conquista de mais direitos e espaços na sociedade sergipana. Isso será uma realidade quando todos venham a compreender o seu papel e assumam a tarefa de executar ações possíveis.

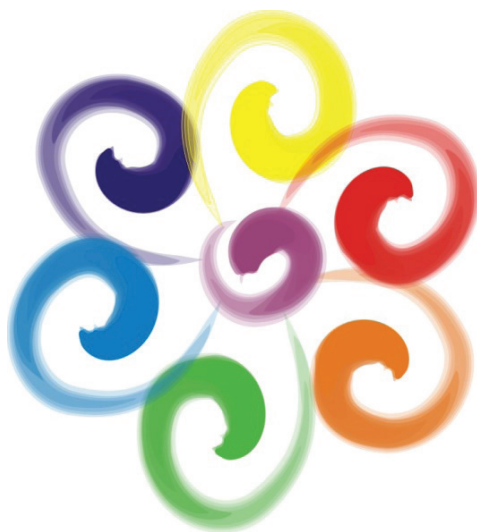
Somos todos chamados a lutar pela cidadania e a vida.

A decorative background featuring a central cluster of colorful, swirling, petal-like shapes in shades of purple, yellow, orange, blue, and green, arranged in a circular pattern.

PARTE VI

COMUNICAÇÃO

Logomarca



Criação de Suzy Marques Ribeiro, 2001.

O Salto

O boletim O Salto foi uma ideia para divulgar a Unidas, as ações de prevenção sobre o vírus HIV/aids e as ISTs, como também mostrar o glamour das travestis, festas, eventos, enfim o cotidiano da instituição e do seu público-alvo.

O seu lançamento ocorreu embaixo da amendoeira no calçadão entre o edifício Maria Feliciano e o antigo Hotel Palace, e contou com a presença de pessoas envolvidas com jornais impressos e a mídia televisiva sergipana.

O Salto nos deu grandes alegrias.



Luciana Lins divulgando O Salto, em evento nacional.

Foto: Acervo Unidas, 2000.

Impresso em gráfica, colorido, com imagens, acompanhado de pequenos textos, era uma forma de assegurar a possibilidade de leitura pelas travestis ou ser visto e ouvido por aquelas com pouca leitura ou mesmo condição de analfabetismo.

O design gráfico buscava também se filiar ao universo das travestis, especialmente na escolha do nome e sua representação através de um salto de sapato, pois estaria ali uma forma de demonstrar a importância do feminino para todas elas, assim, assegurar ao máximo a aproximação de seu universo e aumento da autoestima.

O simples fato de trazer as fotos das comemorações, festas na Unidas, lembrar da data de aniversário, constituía em uma forma de demonstração de afeto, o boletim cumpria um importante papel de servir como instrumento de cidadania.



Unidas na praça, Dia da Visibilidade Trans - Foto: Acervo Unidas, 2022.

É necessário também esclarecer não se tratar de um expediente jornalístico, mesmo porque nunca se constituiu em intenção institucional, muito menos um veículo de propagação de militância, mas uma estratégia de comunicação entre as meninas e pessoas próximas, apesar de aos poucos a sua tiragem ter aumentado e possibilitado a distribuição com um público maior, mesmo assim, ainda estava circunscrito ao universo das travestis.

A decorative background featuring a central cluster of colorful, overlapping swirls in shades of purple, yellow, orange, blue, and green, creating a floral or sunburst-like pattern.

PARTE VII

UMA REDE DE SOLIDARIEDADE

Amig@s da Unidas

No rol das lembranças da Unidas, nesses 20 anos, cabe uma menção especial aos seus amigos e amigas. Primeiro, por acreditarem numa sociedade para todos, rompendo com o preconceito e ofertando o melhor de seus serviços e tempo a causa de pessoas excluídas e marginalizadas, assim, o carinho todo especial à assistente social Clara Smith, ao médico Mário Vidal, a Helinho (Hélio Santos) — Essência — e a advogada Ana Hermínia (*in memoriam*).



Eliana Chagas e Clara Smith - Foto: Acervo pessoal, 2022.

Lembrar de cada um é motivo de emoção, gratidão e aperto no coração. Sem todos eles e elas a Unidas não teria alcançado tanto, muitas portas estariam fechadas, porque todos emprestaram mais à causa ao impor confiabilidade, respeitabilidade, debate com pares e outros atores da sociedade com poder de decisão, a ponto de oferecer, ao menos, às travestis o direito de defesa, acesso aos serviços de saúde, humanização dos atendimentos públicos, enfim, é a certeza da grandeza de espírito, percepção de cidadania e o quanto podemos fazer em prol do outro.

Clara Smith é o nosso anjo meigo, de sorriso largo, de voz macia a buscar incentivo para o trabalho, para a testagem, para a prevenção, para as consultas regulares. É o ombro a descansar as mágoas, os interditos, a propor um conselho, um novo olhar sobre o peso das dificuldades cotidianas.

Dr. Mário Vidal abriu as portas do ambulatório do Hospital Universitário, da Universidade Federal de Sergipe (HU/UFS), para os atendimentos proctológicos, assim, assegurou a possibilidade de uma medicina também preventiva, enquanto alertava sobre os riscos da automedicação, da postergação de diagnósticos, da recorrência de alguns tipos de câncer, da necessidade de se prevenir contra as IST/DST. Além disso, enfrentou preconceito e incompreensões junto a colegas e servidores públicos, mas seu jeito afável não se abateu, quando até mesmo sempre demonstrou carinho pelas travestis a ponto de recebê-las em seu consultório particular, sem falar nas inúmeras cirurgias que realizou.

Helinho — Essência — é um caso de amor. Suas performances, seu jeito alegre, extrovertido, adentraram as portas da Unidas e marcou sua história. Não é apenas o fato de fazer show, escrevendo textos maravilhosos no boletim O Salto, na condição de Drag Queen imprimiu presença e debate sobre outro lado do universo LGBT, sem estereótipos, sem medo e com leveza para assegurar a tod@s um pouco de arte, assim a cantora Dalida não poderia faltar aos encontros, com seu colorido e maquiagem, roupas de brilho, encerrou muitas de nossas reuniões, como se estivessemos em um teatro de revista, num show digno de aplausos.

É merecido o nosso reconhecimento e carinho à advogada Ana Hermínia (*in memoriam*), falecida em 06 de novembro de 2017. É dela conquistas memoráveis, pedido de reconsideração, de leitura mais humana, de uma segunda chance, de noites mal dormidas para construir uma defesa adequada e necessária para uma travesti, independente do que tenha ocasionado o feito jurídico.



Dra. Ana Hermínia

Foto: Acervo Unidas, 1998.

Ana Hermínia sempre esteve presente em momentos variados das atividades promovidas pela Unidas, seu sorriso largo, sua forma afetuosa marcaram a sua passagem, contribuição e, o mais importante, o quanto lutou pela cidadania das travestis e transexuais em Sergipe, aqui na foto acima ocorreu a reunião para a definição do nome da Instituição.



Dra. Ana Hermínia representando a Unidas no Seminário Nacional de Direitos Humanos e HIV/aids. Brasília, 24, 25 e 26 de janeiro de 2007.

Foto: Acervo Unidas, 2007.

Tereza Cristina Andrade é a amiga sempre disposta a colaborar. É preocupada por atender as demandas da associação. É o cuidado em promover a melhor defesa das meninas e da Instituição. Ela também sempre disposta a ajudar a construir respostas aos desafios do nosso cotidiano, nem sempre tranquilo, por isso, seu telefone está sempre à disposição para as horas incertas.



Teresa Cristina Andrade - Fonte: Acervo Unidas, 2022

É inegável a amizade e parceria construída com Andrey das Chagas Lemos. Sua voz mansa, em quase dois metros de altura, com elegância incontestável, emprestou credibilidade em muitos de nossos projetos, a buscar parceria para viabilizar as ações. É dele também o incentivo para persistir, mesmo nos momentos mais difíceis. Assim, na condição de gestor nunca deixou de nos apoiar, com respeito aos limites éticos e as possibilidades de construção de uma relação de parceria com o setor público.



Karolyne Principal, Andrey Lemos - Foto: Acervo Unidas, 2022.

É inegável a contribuição de Karolyne Principal (Naldo) para a cena artística de Aracaju desde os anos 2000, e para o movimento LGBTI+. Irreverente, debochada, alegre e infindáveis adjetivos para sintetizar sua alegria, suas posições e posturas em prol da cidadania, sem assumir a nódoa das ideologias. É uma parceria para mais de uma existência. Sua alegria sempre nos contagiou e sua presença aqueceu o coração de todos da Unidas.

Dr. Ilton Farias chegou até nós pelas mãos de nossa querida e eternamente saudosa Ana Hermínia, sentou conosco em nossa Roda de Conversa, na praça General Valadão, participou e não nos deixou mais. Acompanhou diversos processos para a retificação de nome, seguiu após a morte de Ana com o projeto da Clínica de Atenção à Violência. Ilton compreende o universo trans e sua sensibilidade faz a diferença para um coletivo exposto a tantas vulnerabilidades e com pouco acesso a cidadania.



Dr. Ilton Farias - Foto: Acervo Unidas, 2022.



Projeto Unidas na Praça - Foto: Acervo Unidas, 2022.

Ao médico Dr. Almir Santana caberia um capítulo à parte, por envolver sentimentos, sensibilidade, orientações, preocupações, desprendimentos, para ver um projeto de aproximação a um segmento vulnerável ao HIV incluído em uma política pública de combate a aids, mas ao mesmo tempo reconhecia a importância do processo associativo para a construção da cidadania das travestis.



Dr. Almir Santana - Foto: Acervo Unidas, 2022.

Posso chamar na intimidade de Almir, por ter sido companheira de trabalho, de preocupações, de noites em estradas, de madrugadas acordada, de dinheiro pessoal revestido para a causa, das muitas perdas e vitórias, um cenário de mais de vinte anos de convívio diário.

Mônica Rocha é a amiga de trabalho sensível com os problemas das meninas da Unidas, da amizade passou-se a ser uma colaboradora, parceira, sempre presente em todas as horas, para minimizar o peso das responsabilidades em fazer movimento social para um segmento altamente estigmatizado, assim, somente com a compreensão e apoio das pessoas próximas tornou-se possível levar um pouco de alento às travestis de Aracaju, pois capitar recursos para pessoas com HIV/aids podia até ser mais fácil para os heterossexuais, mas pouco provável para pessoas trans e em situação de prostituição.

Kátia Aragão é a profissional de saúde atenta às demandas das travestis. Sua sensibilidade sempre nos comoveu e seu empenho para superar os estigmas é uma marca de sua atuação no Sistema

Único de Saúde (SUS), por isto seríamos menos sem a sua presença e constante apoio em nossas causas e porque não dizer que Kátia Aragão é uma das fundadoras da Unidas, ela estava lá em 1998 quando tudo começava.

A professora Clarissa Andrade Carvalho é o encontro entre a universidade e os movimentos sociais. Um encontro de trocas intensas e aprofundadas, para ambas as partes. É o agir comprometido da academia com as demandas da sociedade. É o cuidar do outro com sensibilidade para fazer perguntas pertinentes quanto ao lugar e fazer institucional, sem desconsiderar a autonomia e o lugar de cada ator, quer na pesquisa, quer na ação, assim como não agradecer e reconhecer tal pessoa?

Ana Angélica é professora de Letras Português e bacharel em Direito, é mais uma amiga a varar noites adentro colaborando com os textos do nosso boletim informativo O Salto, escrevendo memorandos, ofícios e relatórios, quando sempre nos ajudou a reivindicar direitos para as meninas. A sensibilidade de sua escrita foi fundamental para que nossas pautas fossem lidas e consideradas.

Lígia Lemos, enfermeira, primeira coordenadora do programa municipal de IST (DST) da prefeitura de Aracaju, sempre buscou colaborar com a Unidas, desde sua fundação, ela estava lá no Cotinguiba em 1999 na festa de posse da primeira diretoria da nossa instituição. Já há alguns anos, professora na UFS do curso de Enfermagem, Lígia continua prestigiando e reconhecendo a importância do trabalho e da nossa existência.

Um carinho especial a Miriam Rosa Rodrigues, assistente social e voluntária da Unidas, pelo engajamento, motivação e esforço sempre presente nestes últimos anos. Sua dedicação e conselhos foram fundamentais para muitas conquistas.



Da esquerda para a direita: Joyce, Miriam Rosa Rodrigues e Alessandra.

Foto: Acervo Unidas, 2014.

A Unidas havia conquistado reconhecimento público, ampliando suas ações, apesar de manter-se distante da imprensa, enquanto estratégia de proteção contra as reportagens sensacionalistas, apesar disso ousou construir seminários sobre sexualidade, assim aconteceu a aproximação com a dra. Maria Berenice Dias, desembargadora aposentada do Tribunal do Rio Grande do Sul e um dos maiores nomes do Direito de Família no país. Desse encontro nasceu uma amizade e um carinho sempre presente.



Dra. Maria Berenice Dias e Eliana Chagas - Foto: Acervo Unidas, 2022.

A Dra. Iracy Mangueira, atual juíza de Direito é uma pessoa a ser sempre lembrada. Primeiro, pelo seu senso de justiça, de cidadania. Segundo, pela ética irretocável, enquanto sensibilidade ao humano e suas fragilidades. É uma alma talhada na luta pela democracia, nessa condição sempre soube distinguir as partes em conflito, a ponto de acolher as travestis na Delegacia da Mulher, com urbanidade, dando -as condições de acessar a justiça, mesmo em condições de acusadas, sem desmerecer a sua identidade e humanidade.



Dra. Iracy Mangueira, em palestra na sede da Unidas.

Foto: Acervo Unidas, 2022.

E, de igual valor encontra-se a delegada de polícia Dra. Georlize Oliveira, quer na condição de titular da antiga Delegacia da Mulher, Centro de Atendimento aos Grupos Vulneráveis (DA-GV) ou na condição de secretária de Estado da Segurança Pública, sempre se pautou com a maior atenção às travestis, dando-nos o suporte necessário para pacificar as ruas, relações domésticas, conflitos nos espaços de batalha.



Dra. Georlize Oliveira, Delegada da Polícia Civil de Sergipe

Foto: Acervo Unidas, 2013.

Seria impossível esquecer dr. Mário Leony, a quem reconhecemos e nutrimos carinho e votos de agradecimento por tantos gestos nobres em prol dos direitos LGBT, pois é inegável o lugar e a importância deste guerreiro da cidadania.



Dr. Mário Leony e Eliana Chagas - Foto: Acervo Unidas, 2012.

O nosso delegado de carreira é um exemplo de retidão, carismático, um baiano incorporado à família aracajuana e sergipana.

O legado de Mário ultrapassa suas funções públicas e adentra a sensibilidade e a coragem de se posicionar em prol dos direitos humanos, da cidadania plena.

Sua candidatura a deputado federal, em 2018, pelo Partido Socialismo e Liberdade (Psol), permitiu mostrar suas ideias e uma plataforma positiva sobre a população em situação de vulnerabilidades sociais.

Mário sempre fez questão de estar junto a Unidas, participando de nossas reuniões, somos gratos também pelo empenho em somar esforços para dar uma resposta aos homicídios de LGBT em Sergipe.

Lucimara Passos é a personificação do combatente vigilante em prol da cidadania. Sua presença na Unidas se fez sentir em muitos momentos, com ou sem cargos públicos. É uma pessoa sensível à dor alheia, às populações sem o amparo do Estado e afeitas a suportarem as intempéries da exclusão, devido aos estigmas, a exemplo das travestis em situação de prostituição, analfabetas e sem qualificação profissional.

O material gráfico da Unidas nasceu pelas mãos de Suzy Marques Ribeiro, graduada em Licenciatura em Artes Visuais, pela Universidade Federal de Sergipe, a relação com a Unidas se estendeu entre 2000 e 2004, com a criação da marca da instituição, folders, cartazes, cartilhas, capa de vídeo, arte para camisetas e a criação visual do Boletim O Salto. E em suas palavras: “as artes criadas exclusivamente para Unidas faz parte do meu itinerário artístico-criativo e do amadurecimento da minha identidade enquanto artista contemporânea” (Depoimento via WhatsApp, em 27 abr. 2021).

José Augusto, psicólogo, trabalha com prevenção às IST/HIV/aids, junto ao Programa Estadual, sua sensibilidade constitui um ponto de referência para todas nós da Unidas. É dele o incentivo, o carinho com todas nós, ao permitir um diálogo franco e presente, em prol da cidadania de um segmento tão excluído e exposto às vulnerabilidades sociais.

As meninas sempre nutriram respeito e admiração pela fala mansa e carinhosa de Zé Augusto, como costumam chamar. Seu trabalho fez e faz muita diferença na vida de todas da Unidas.

Em 2018, Heloisa e Edival conheceram Jessica através de um acontecimento trágico e que abalou todos e todas, o homicídio de Laysa¹⁹, quando eles contribuíram para que o secretário de Segurança Pública acatasse a sugestão de que o DAGV deveria estar aberto no período da noite. A partir daí se tornaram voluntários da nossa causa.

Heloisa e Edival deram a oportunidade a Jessica de trabalhar no mercado formal em sua loja no Aracaju Parque Shopping, e aos 48 anos de idade Jessica teve a sua carteira de trabalho assinada.



Letícia Lans e Eliana Chagas - Foto: Acervo Unidas, 2014.

¹⁹ A transexual Laysa Fortuna, 25, foi esfaqueada no tórax, às 22h30, da quinta-feira do dia 18 de outubro de 2018, na região central de Aracaju. O agressor, Alex da Silva Cardoso, atuava como “flanelinha” nas imediações. A vítima foi resgatada pelo Serviço Móvel de Urgência (Samu) para o Hospital Nestor Piva, em seguida ao Hospital de Urgência de Sergipe Gov. João Alves Filho (HUSE), vindo a óbito. Em 12 de novembro de 2019 o acusado foi condenado a 12 anos de prisão, em regime fechado (SANTANA, 2020).

Eliana Chagas afirma encerrar estas singelas lembranças com o olhar vivo e o sorriso largo de Marieta Oliveira, a quem devemos a gratidão por confiar a distribuição mensal de mais de 500 cestas de alimentos a portadores do vírus HIV, em situação de pobreza, há mais de dez anos, além de seu empenho para montarmos uma sala de aula voltada a cursos para as travestis, em nossa sede social.

PARTE VIII
O COTIDIANO

Dos encontros dominicais, às festas de Fim de Ano

Eliana Chagas conviveu com as travestis quase que diariamente, passou muito tempo conversando com elas nas esquinas durante o dia, levava semanalmente a consultas e exames e aos domingos se reuniam na casa de alguma delas para beber e comer.

Era um momento de socialização importante entre elas e de um aprendizado que para Eliana Chagas sempre foi impagável, pois lá ouviu suas histórias, soube sobre suas famílias, seus sonhos etc., e sempre tinha um show, o que mais impressionava era como elas gostavam de se apresentar umas para as outras.



Maluna, Luciana, Shanely, Cláudia Kelly, evento na Associação Atlética de Aracaju

Foto: Acervo Unidas, 2022.

Os domingos eram divertidos e naquela época não existia redes sociais, então, toda a atenção estava entre elas. Foi observando esses momentos de lazer que Eliana Chagas decidiu propor a primeira festa natalina da Unidas e foi um sucesso, assim, por vários anos presenteava as meninas com kit de higiene pessoal e beleza, e até hoje comemoram o Natal.



Natal na Unidas - Foto: Acervo Unidas, 2022.

Em 2000, resolveram fazer o primeiro réveillon da Unidas e foi maravilhoso, alugaram um salão de festas e fizeram uma programação, contaram com a colaboração de vários amigos das travestis.



Confraternização dos 15 anos da Unidas - Foto: Acervo Unidas, 2014.

A festa foi comandada por Essência (Hélio Santos), com seu talento e criatividade, de posse do encantamento de cada edição, algumas edições do réveillon se sucederam, porque Eliana Chagas sempre imaginava que era uma data que muitas delas se sentiam sozinhas. Depois, com várias saindo do estado, indo para a Europa, e por questões econômicas ficou realizando apenas a confraternização natalina.

O Truque

As travestis possuem uma espécie de dialeto para se comunicarem, assim como os adeptos do candomblé para se protegerem das possíveis ameaças, assim, tem uma palavra que sempre me chamou atenção, o “truque”, e as frases mais comuns eram “dá o truque”, “no truque” e “viver no truque”, somente elas sabem o significado disso. Mas eu imagino como seria isso: A construção desse feminino constantemente exige truques, ter um palmete mais saliente, deixar a voz mais feminina faz parte da confirmação que o “truque”, convence, encanta, seduz, ou seja, está dando certo.

O “truque” está constantemente no discurso feminino e em tempos da indústria da beleza, recursos diversos, para disfarçar rugas etc. As travestis vêm dando o seu “truque” com os recursos de sua criatividade. Nos tempos que essas especialidades de embelezamento como fios de ouro e outros não existiam. Mas porque resolvi dizer o que penso do “truque” das travestis! Em seu livro *O Corpo da Roupas* (2015), no capítulo ‘Dicionário Transgênero’, se refere ao truque da seguinte forma: enganação, enrolação, golpe. No truque: viver aplicando golpes.

De fato, o truque no Dicionário Aurélio: propor, no jogo do truque, a primeira parada. Acredito que faz mais sentido esse significado para as travestis, pois, de fato, há ali um jogo, uma proposta. Algumas palavras usuais no vocabulário delas me chamaram

atenção. Era muito comum nos encontros aos domingos em casa de amigas ou à noite na rua, beber e ficar “colocada”, no dicionário Aurélio significa: pôr num lugar, dispor, situar etc., estar colocada é estar de certa forma pronta, à disposição para o trabalho. E estar nesta condição ajudaria a fazer esse enfrentamento. A outra expressão usada faz parte do vocabulário psicanalítico: “Recalque”²⁰.

20 Esse é um conceito desenvolvido por Sigmund Freud, para designar um mecanismo do inconsciente voltado às emoções, pulsões e afetos considerados repugnantes por uma pessoa.

A decorative background featuring a central purple swirl surrounded by six other swirls in yellow, orange, light blue, green, and two shades of orange, all arranged in a circular pattern.

PARTE IX

SUSTENTABILIDADE

Feirinha de Artesanato da Praça Tobias Barreto

As peças artesanais produzidas na sede da Unidas eram comercializadas na Feira de Artesanato da praça Tobias Barreto, aos domingos (tarde e noite), desde 18 de janeiro de 2004 e se estendeu até 2007.



**Da esquerda para a direita: Jéssica Taylor e Cris Couto.
Feirinha de Artesanato na Praça Tobias Barreto, em Aracaju (SE).**

Foto: Acervo Unidas, 2022.

A comercialização dos produtos artesanais foi uma iniciativa da Associação, com o objetivo de criar estratégias de levar às meninas para um espaço além da calçada.

Tapetes, bolsas, bijuterias, velas (gel e parafina), arranjos de frutas (parafina), incensários, imã de geladeira, caixa de madeira decorada e blusas.

Os artesanatos eram produzidos na sede da Unidas pelas travestis com a orientação da professora Cristina Silva, foram tardes de encontros com muita alegria, sucos, bolos e relatos cheios de humor das experiências vivenciadas na noite anterior.

Foram três anos de convivência com os comerciantes da praça, pessoas que saíam da missa aos domingos na Igreja do São José e passeavam pela referida feira fazendo compras.

Saímos da praça devido ao abandono da prefeitura. Na ocasião o piso se encontrava danificado, apesar das promessas de revitalização, nenhuma providência era tomada, assim, a clientela foi diminuindo e no final estávamos pagando para trabalhar.

Eliana Chagas sintetiza a rotina de seus domingos, com o compromisso das 14h, ao passar na casa de duas travestis escaladas para ir à sede da Associação, em seguida promover a venda dos produtos na Feira da Praça Tobias Barreto, às 21h busca-las e passávamos novamente na Associação para deixar os produtos e levá-las às suas residências.

E passados duas décadas, com serviços prestados, e diga-se, alguns dos quais essenciais à política de enfrentamento do HIV, tornar-se ainda mais importante quando se observa a luta por cidadania, amparo da Justiça, acesso ao trabalho formal, educação, assistência social, talvez seja até difícil de acreditar no quanto foi feito, mas as fotos disponibilizadas nas redes sociais da instituição oferecem um referencial possível para o dimensionamento dos passos dados ao longo do tempo.

Todos esses pontos estavam previstos na Política Nacional de DST e aids do Ministério da Saúde, quando passou a estimular as instituições parceiras a desenvolverem estratégias de sustentabilidade, em suas propostas incluíam também ações voltadas a autoestima e o empreendedorismo pelas pessoas vivendo com HIV/aids, ou mesmo o segmento ao qual se dedicavam em sua missão institucional.

A Feirinha de Artesanato da Praça Tobias Barreto deve ser compreendida também como um espaço plural, alternativo e ao mesmo tempo de firmamento da identidade nordestina através de seus produtos, da memória, do reavivamento das tradições do crochê, bordado, produtos elaborados em palha, das comidas típicas, convivendo lado a lado com os produtos industrializados, os *fast-food*.

Lembrar do burburinho, das famílias com crianças, dos turistas, das pessoas enlutadas a buscarem seus mortos no IML, não é cena distante das tardes e noites na praça Tobias Barreto, muito menos ainda quando lembramos da música e pequenos shows ali realizados.

As lembranças também dão conta dos custos e do quanto se fez necessário aprender para empreender, especialmente em nome de um coletivo, quando o esforço é para se manter sempre em condições favoráveis, nem sempre as vendas eram suficientes para custear a aquisição de material ou pagar o investimento feito, mesmo assim a iniciativa era mantida, com recursos pessoais de Eliana Chagas.

E, por se tratar de empreendedorismo levado adiante por uma instituição sem fins lucrativo, é necessário tecer alguns comentários, especialmente em relação a ausência de incentivo por parte do Estado ou mesmo do Sebrae, pois a mobilização do terceiro setor pode levar a criar condições de acesso ao trabalho formal, mais especificamente para segmentos em situação de extrema vulnerabilidade, a exemplo das travestis e transexuais em situação de rua.

Ter abortado a ida a referida feira deixou um vazio imenso no cotidiano da Unidas. Retomar a proposta ou redimensionar as ações de empreendedorismo deve ser uma atitude necessária, especialmente agora quando se busca incluir as transexuais em sua nomenclatura e missão ao se pensar em Unides!

A mudança da nomenclatura é uma forma justa de reafirmar o espírito da Instituição em torno de uma missão de busca incessante por cidadania, a retomada do espaço na praça Tobias Barreto, quer pela instituição ou mesmo por um grupo de travestis, transexuais, homens trans e outros, pode sinalizar caminhos de produção de trabalho e renda com dignidade.

Em suma, Tobias Barreto foi um jurista à frente do seu tempo e estarmos em sua praça é um ato político de afirmação da cidadania de um segmento tão discriminado ao longo do tempo, apesar dos avanços alcançados nestes últimos anos.

A praça Tobias Barreto também é de todes!

Um close final

O mais importante na luta pela cidadania é a consciência sempre atenta no respeito ao outro, pois democracia se faz com todos, num processo constante de criação de espaços de debate, de respeito às diferenças, de proteção às minorias, isso significa também um olhar para dentro, para a nossa capacidade de dialogar com pessoas e instituições pouco afeitas a nos enxergar como pessoas, mesmo porque seus referenciais estão arraigados a muito tempo e o certo e errado nem sempre condizem com a realidade atual.

Na condição de cidadã e cidadão, todos nós somos chamados a acreditar na construção de pontes para a cidadania.

A cidadania não deve ser um conceito apenas, mas dimensionada em milhares de aspectos advindos de atores inseridos nos nossos meios, a ponto de acreditarmos ser possível o Estado desenvolver ações até agora distantes, e nós em diferentes espaços e situações estarmos aptos a ajudar nesta construção.

A Unidas nasceu desse ideal. Suas conquistas, suas dores, seus sabores são prova viva dessa luta, muito do que somos reflete o quanto pessoas em diferentes posições e visão de mundo tiveram sua parcela de contribuição para a sedimentação de um ideal.

Duas décadas de existência dão a Unidas maturidade, com a cobrança de reorganização de seus processos, enfim, identidade.

Um dia a Unidas esteve ligada às travestis de rua, às suas batalhas, ao seu isolamento nos quartos de vila, à cafetinagem, ao silicone, à prostituição na Europa, mas aos poucos as mais pioneiras estão envelhecendo, o mercado de trabalho mudou muito, há mais acesso a escolarização, novos personagens surgem na cena pública na luta por direitos, a tão sonhada cidadania vai aos poucos se cristalizando.

Um dia será o momento de um adeus, como tudo na vida se transforma, mas o carinho, o sentimento de pertencimento estará sempre presente, enquanto lembranças do quanto a luta pelo

direito das travestis também preencheu a vida de muitas pessoas e terminou não conduzindo a luta pela cidadania.

Não há como negar a emoção de revisitar as memórias na busca por compor um itinerário de luta e resistência pela cidadania das travestis, assim, alugar uma casa na rua Amazonas, no bairro Siqueira Campos, depois ter adquirido uma sede própria no bairro Luzia dão muito sentido ao propósito de se ter um espaço de referência e o quanto é possível fazer pelas pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

Talvez não tenhamos feito o suficiente para transformar todos os projetos de vida, mas amenizamos muitos sofrimentos, criamos esperança em espaços de desamor e instigamos o sonho como parte da expectativa de dias melhores, sem assistencialismo ou paternalismo, pois quando buscamos o alento de uma cesta básica junto a Assistência Social do Estado estamos procurando minimizar a fome, mal imediato e que não espera a inclusão social.

A lição maior nesse enredo é o quanto o afeto contribui para a cidadania, como as travestis e transexuais de Sergipe contribuíram na luta pelo combate a aids, ao fortalecimento da cidadania e estão aptas a prosseguirem na busca por uma sociedade mais justa e para todos, todas e todes.

O riso, a música, os shows na Unidas ainda ecoam em meus ouvidos. Memórias inesquecíveis de tantas presenças marcantes para a Instituição e todas nós que ousamos viver um projeto coletivo de cidadania, por isto, somente aquelas mais assíduas ao nosso cotidiano sabem o quanto as lágrimas incontidas ainda estarão presentes nos momentos de lembrança e de pensamento sobre o percurso de um encontro entre cidadãs ao longo de 20 anos.

Referências

Livros:

ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de. *A princesa: a história de travesti brasileiro na Europa escrita para um os líderes da Brigada Vermelha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na Escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

ANTUNES, Luísa. *O travesti: iniciação e astúcia*. Lisboa: Fim de Século Edições, 1998.

BARRETO, Daniela Lima. *O direto penal dos vulneráveis: uma análise crítica da busca do reconhecimento por meio do direito penal*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

BENTO, Berenice. *Transciad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: Edufba, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Transexualidade e travestilidade na saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

DIAS, Maria Berenice (coord.). *Intersexo: Aspectos jurídicos, internacionais, trabalhistas, registrares, médicos, psicológicos, sociais, culturais*. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018.

FREUD, S. O Recalque [1915]. In S. Freud, *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, Vol. 1: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (p. 175-193). Rio de Janeiro: Imago, 2004.

GRUPO Transcritos Coletivos. *Nos trans: escrituras de resistência*. Belo Horizonte: Litera Trans, 2017.

INTERDONATO, Giann Lucca. “Trans-identidade:” a transexualidade e o ordenamento jurídico. Curitiba: Appris, 2017. (Educação e Direitos Humanos: diversidade do gênero, sexual, étnico-racial e inclusão social).

JESUS, Jaqueline Gomes de (org.). *Transfeminismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2011.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2008.

LANZ, Leticia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

LIONÇO, Tatiana. *Contra a má-fé: configurações de uma acadêmica de ação direta*. Salvador: Editora Devires, 2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MOIRA, Amara. *E se eu fosse puta*. São Paulo: Hoo, 2016.

PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA/UERJ, 1996.

PERES, Ana Paula Ariston Barion. *Transsexualismo: o Direito a uma nova identidade sexual*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

PERES, William Siqueira. *Travestis brasileiras: dos estigmas à cidadania*. Curitiba: Juruá, 2015.

PIRAJÁ, Tess Chamasca. *Travestis na TV: entre o abjeto e o humano*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

POCAHY, Fernando. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Salvador: Editora Devires, 2017.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual*. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N. 1 Edições, 2011. (Práticas subversivos de identidade sexual).

RIBEIRO, Djamil. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

RODRÍGUEZ, Fernando López. *De puertos para adentro: Desidencia sexual y disconformidad de género en la tradición Framenca*. Madri: Fundación Sgae, 2017.

SILVA, Hélio R. S. *Certas Cariocas: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. (Arenas do Rio; 1).

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do Feminino*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento; PEREZ, Allyson de Andrade; SILVA, Mayana Hellen Nunes da *et al.* *Fazendo e desfazendo gênero*. São Luís: Edufma, 2015.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Tradução de Rubem Mauro Machado. Rio de Janeiro: Record, 1996. (Contraluz; 7).

VIEIRA, Malu. *Scarpins, sapatilhas, sandálias e sapatoes: uma trajetória de vida*. Rio de Janeiro: Metanoica, 2016.

Legislação em saúde

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. Brasília: 1. ed., 1. reimp. Ministério da Saúde, 2013.

Relatório

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

Sites

BORTONI, Larissa. Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>. Acesso em: 27 fev. 2020.

FONATRANS - Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros. Como Nasceu o Movimento de Travestis no Brasil. Disponível em: <http://www.fonatrans.com/p/historico-do-movimento-de-travestis-no.html>. Acesso em: 27 jan. 2020.

NOTÍCIAS STF. STF reconhece a transgêneros possibilidade de alteração de registro civil sem mudança de sexo. [Quinta-feira, 01 de março de 2018]. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=371085>. Acesso em: 27 jan. 2020.

SANTANA, Cassia. Acusado de matar transexual é condenado a 12 anos de prisão. *Infonet* [19 nov. 2019]. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cidade/acusado-de-matar-transexual-e-condenado-a-12-anos-de-prisao/>. Acesso em: 01 fev. 2020.

PRECIADO, Beatriz. Lixo e Gênero. Mijar/Cagar. Masculino/Feminino. Silenciosamente, a arquitetura opera como a mais discreta e efetiva das “tecnologias de gênero”. *Select*, n. 38, 20/04/2018. Disponível em: <https://www.select.art.br/lixo-e-genero-mijar-cagar-masculino-feminino/>. Acesso em: 06 nov. 2019.

Tiragem	250 exemplares
Formato	15x21cm
Tipografia	Adobe Garamond Pro 14, 12pt
Papel	Pólen Soft 80g/m ² (miolo)
Capa	Supremo 250g/m ² (capa)